

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

***CONTEXTUALIZAÇÃO EPISTEMOLÓGICA
DA PSICANÁLISE DE FREUD***

**Curitiba
2006**

Ajauna Piccoli Brizolla Ferreira

***CONTEXTUALIZAÇÃO EPISTEMOLÓGICA
DA PSICANÁLISE DE FREUD***

Trabalho apresentado ao programa de Mestrado em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, sob orientação do Prof. Dr. Cleverson Leite Bastos, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

**Curitiba
2006**

Pela semente plantada...

Norberto Carlos Irusta - in memoriam

Aos meus pais, pelo que puderam me ensinar e pelo que me deixaram aprender;
Ao Prof. Dr. Cleverson Leite Bastos, pela sábia condução de meu percurso;
Ao meu marido Alcione, pela cumplicidade, pelo carinho constante e pelas pontuações;
Ao meu filho Alexandre, pela doçura e compreensão;
Aos tantos amigos, que direta ou indiretamente partilharam a angústia que acompanha o prazer solitário da escrita, em especial Gladys, Humberto, Silvane e Cláudio;
À PUCPR, pela oportunidade;
A meus mestres, que, cada um a seu modo e seu tempo, me ensinaram a acreditar na capacidade de aprimoramento.

Serei eternamente grata

A histeria é uma neurose no mais estrito sentido da palavra — quer dizer, não só não foram achadas nessa doença alterações perceptíveis do sistema nervoso, como também não se espera que qualquer aperfeiçoamento das técnicas de anatomia venha a revelar alguma dessas alterações.

Freud

Resumo

Nesta dissertação, nos propomos a explorar a construção da doutrina psicanalítica a fim de estabelecer de que modo Freud chegou à noção de pulsão como elemento fundante do Inconsciente. O objetivo é apresentar como se dá a passagem, no viés psicanalítico, de uma concepção “mecânica” de sujeito para uma concepção em que a subjetividade prevalece sobre o homem. Desenvolvemos o estudo em três etapas: na primeira, exploramos o contexto metodológico do surgimento da psicanálise; na segunda, dedicamo-nos à metapsicologia, que é construída pela revisão conceitual feita a partir do que Freud estabelece quando do surgimento da psicanálise; por fim, na terceira etapa, mostramos o modo pelo qual o aparelho psíquico funciona por meio da noção de pulsão.

Palavras-chave: Epistemologia; Freud; Psicanálise; Pulsão.

Abstract

Dans cette dissertation, nous proposons explorer la construction de la doctrine psychanalytique à fin d'établir de quelle manière Freud est arrivé à la notion de pulsion comme élément fondant de l'Inconscient. L'objectif est de représenter, par le biais psychanalytique, comment se fait le passage d'une conception "mécanique" du sujet à une conception dans laquelle la subjectivité prévalait sur l'homme. Nous avons développé l'étude en trois étapes: dans la première, nous avons exploré le contexte méthodologique de surgissement de la psychanalyse; ensuite, dans la seconde étape, nous nous sommes dédiées à la métapsychologie, qui est construite à partir de la révision conceptuelle faite à partir de ce que Freud a établi au moment du surgissement de la psychanalyse; et, finalement, dans la troisième étape, nous avons montré le mode par lequel l'appareil psychique fonctionne à partir de la notion de pulsion.

Mots-clefs: Épistémologie; Freud; Psychanalyse; Pulsion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 O CONTEXTO METODOLÓGICO DO NASCIMENTO DA PSICANÁLISE FREUDIANA.....	12
1.1 A definição de “ciência da natureza” e “ciência do espírito”.....	13
1.2 As opções metodológicas do fisicalismo.....	32
1.3 As opções metodológicas do agnosticismo.....	38
2 METAPSIKOLOGIA FREUDIANA.....	41
2.1 Dimensão tópica	49
2.2 Da tópica à dinâmica	55
2.3 Da dinâmica à econômica	59
3 INSCRIÇÕES PULSIONAIS: HORIZONTE DO INDIZIVEL.....	66
3.1 Repetição e a pulsão de morte.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	100
APÊNDICE.....	103

Introdução

A humanidade sempre colocou inúmeras questões acerca do mundo que a rodeia, procurando respostas que lhe atenuassem a angústia e a inquietação. É deste modo que nasceu o conceito de alma, onde reside a raiz etimológica da psicologia: *psiché* (alma) e *logos* (razão, estudo). Contudo, a Natureza não foi o único objeto destas interrogações. Com o surgimento da psicanálise também se passou a refletir sobre o comportamento e sobre a vida humana, nomeadamente sobre o aparelho psíquico, o Inconsciente, as emoções e sentimentos. Todavia, o termo psicanálise só apareceu no século XIX com Sigmund Freud (1856-1939).

A psicanálise é, evidentemente, um saber que marcou profundamente o desenvolvimento intelectual no século XX. O trabalho de Freud trouxe à humanidade novas perspectivas no tocante à compreensão que esta tem do homem. Seu pensamento, seu desejo, sua ação e reação, suas motivações e outros aspectos são trazidos para um contexto novo. Com a psicanálise, percebemos que a razão e a consciência não são elementos tão sólidos quanto pensávamos. Freud não via como situar a psicanálise no quadro geral do conhecimento humano em seu contexto histórico, senão como partícipe do empreendimento científico como um todo.

Nesta dissertação, partimos da hipótese de que a psicanálise, juntamente com outras teorizações desenvolvidas no século XX, leva-nos a, no mínimo, desconfiar da noção cartesiana de uma consciência objetivável, que valoriza a subjetividade como um elemento importante para uma explicação

coerente e produtiva da psique humana. A idéia central da psicanálise é que o homem não tem inteiro domínio de sua racionalidade.

Não obstante às discussões acerca da cientificidade ou não da psicanálise, estudar as suas fundamentações epistemológicas se reveste de importância na medida em que a idéia de Inconsciente vem sendo incorporada no discurso atual como uma importante categoria para o exercício de apresentação das notas características do humano.

Neste cenário, nos propomos a explorar a construção da doutrina psicanalítica a fim de entender de que modo Freud chega à noção de pulsão como elemento fundante do Inconsciente. Nosso objetivo é apresentar como se dá a passagem, no viés psicanalítico, de uma concepção “mecânica” de sujeito para uma concepção em que a subjetividade prevalece sobre o homem.

A fim de atingir este objetivo, apresentamos esta dissertação em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos o contexto metodológico da psicanálise por meio da explicitação das influências que levaram Freud a iniciar pela adoção de uma posição monista e, subseqüentemente, passando pelas opções metodológicas do fisicalismo e chegando ao agnosticismo. Deste modo, exploramos o cenário conceitual onde se estabelecem as bases para o entendimento da psicanálise como uma ciência natural e temos, então, condições de entender o ponto de partida de Freud quando este se propõe a fazer uma revisão conceitual de sua teoria.

O segundo capítulo é inteiramente dedicado à metapsicologia, que é construída a partir da revisão conceitual de sua teoria até então. Na metapsicologia encontramos a estruturação do aparelho psíquico em três dimensões: tópica, dinâmica e econômica. A primeira refere-se aos sistemas psíquicos dotados de características ou funções diferentes, representando uma figuração espacial do modo pelo qual tais sistemas estão dispostos uns em

relação aos outros. A dinâmica, por sua vez, diz respeito ao aparelho psíquico na medida em que este se estrutura a partir do conflito de forças psíquicas que se opõem. Por fim, a econômica, se refere ao aparato psíquico como processo que consiste na circulação e repartição de uma energia quantificável a energia pulsional. Ao apresentar essas três dimensões indicamos a concepção de aparelho psíquico segundo a psicanálise em Freud.

O terceiro capítulo é dedicado ao modo pelo qual o aparelho psíquico funciona a partir da noção de pulsão. Essa noção sofre modificações no decorrer da obra freudiana, mantendo unicamente em todos os momentos seu caráter dual. Partindo de algo que se assemelha à idéia de instinto, a pulsão é estabelecida, num primeiro momento, em termos de pulsões sexuais e de autoconservação. Posteriormente, após uma série de reformulações, a pulsão passa a ser estabelecida em termos de pulsão de vida e morte.

Ao descrevermos, desde o contexto metodológico do nascimento da psicanálise, passando pela construção da metapsicologia, juntamente com a teoria pulsional, temos algumas indicações de como Freud intui que a consciência é apenas uma parte do aparato psíquico. Deste modo, temos melhores condições para entender como ocorre a passagem, no viés psicanalítico, de uma concepção “cartesiana” de sujeito para uma concepção em que a subjetividade prevalece sobre o homem.

1 O CONTEXTO METODOLÓGICO DO NASCIMENTO DA PSICANÁLISE FREUDIANA

*“Se não puder dobrar os deuses de cima,
comoverei o arqueronte”.*

Virgílio, Eneida, livro VII, 312.

O século XIX assistiu a um despertar em termos de desenvolvimento do estudo do homem, da sua história, da sua linguagem e dos seus costumes. Tal como nasceram as Ciências da Natureza, na sua cientificidade própria e específica no século XVII, também as Ciências Humanas ou Ciências do Espírito nasceram efetivamente no século XIX, com algumas peculiaridades: esse nascimento foi marcado por um conflito de metodologias. Nessa esteira, o estatuto epistemológico da psicanálise foi objeto de inúmeras reflexões e continua ainda a ser um enigma para a epistemologia¹, pois há uma dificuldade

¹ Epistemologia ou teoria do conhecimento (do grego ("episteme" - ciência), "conhecimento"; "logos", "discurso"), é um ramo da filosofia que trata dos problemas filosóficos relacionados à crença e ao conhecimento. O termo epistemologia possui dois sentidos. Aquele que se refere à descrição dos modos de funcionamento de uma determinada atividade de conhecimento, tendo ou não um parâmetro ideal de ciência como modelo. Outro que se reporta à teoria geral do conhecimento, a uma filosofia da ciência que define, em cada atividade científica, seus pressupostos filosóficos, seus limites, seus modos de validade e suas condições de possibilidades. O primeiro sentido da epistemologia tem função *descritiva*, trata-se apenas de explicar os meios pelos quais um conhecimento foi obtido, ou *comprobatória*, quando a proposta é verificar a adequação daquela atividade de conhecimento a alguma ciência já estabelecida. O positivismo se configura numa epistemologia deste tipo, onde o parâmetro de validade de todo conhecimento é dado pelos procedimentos de verificação empírica dos resultados das práticas científicas. O positivismo assume que todo conhecimento derivado das ciências da natureza é verdadeiro, elidindo, desta maneira, a discussão filosófica acerca da validade e da valoração de seus resultados (Ortega y Gasset, 1982 p. 152). Ferrater Mora (p.960) apresenta também a Epistemologia Evolutiva em que se adota em geral um ponto de vista biológico se acreditar que o conhecimento se

em classificá-la e dar-lhe um nome: ciência, arte, prática. Nesse primeiro capítulo, procuraremos demonstrar o contexto metodológico em que nasce a psicanálise freudiana, a adoção de Freud de um monismo epistemológico e sua subsequente passagem pelas opções metodológicas da física e depois ao agnosticismo.

1.1 A definição de “ciência da natureza” e “ciência do espírito”

Em 1883, momento em que Freud começou as suas práticas médicas, haviam duas posturas metodológicas vindas de economistas. Por um lado, existia o naturalismo da economia clássica do século XIX com Adam Smith, Jean-Baptiste Say, Thomas Malthus e David Ricardo; por outro lado, a corrente dos historicistas, tendo como destaque Johann Gustav Droysen, August Boeckh, Wilhelm Roscher, Bruno Hildebrand e Karl Knies. Esses historiadores foram os primeiros a abordar a questão da hermenêutica, ou seja, interpretavam a história a partir do modelo dado pela economia, especificando assim um saber próprio, fato do qual resultou uma divisão: as **ciências da natureza** e as **ciências do espírito**. Nesse sentido, este novo modelo dado pela economia tornou-se a base e a finalidade fundamental de toda a problemática levantada pelos historiadores. Firmou-se assim a idéia de que as ciências da natureza devem ser explicadas, enquanto que os eventos históricos, os valores e a cultura (ciências do espírito) devem ser compreendidos, ou seja, as ciências da natureza apareciam com uma relevância maior em relação às ciências do espírito.

Essa distinção entre ciências da natureza e ciências do espírito, com supremacia da primeira sobre a segunda, opôs-se à concepção metodológica de um grupo de autores extremamente significativo na segunda metade do

explica em termos da evolução das espécies e a Epistemologia Genética que investiga os conhecimentos em função de sua construção real e psicológica.

século XIX, sendo justo destacar dentre eles Droysen e Dilthey. Esses pensadores viriam cunhar definitivamente os conceitos de *explicação* e *compreensão*, e fundar, a partir da análise hermenêutica, uma autonomia metodológica das ciências do espírito. Wilhelm Dilthey² foi o primeiro a contestar a dualidade *ciências da natureza e ciências do espírito*. Enquanto os historiadores aferem às ciências da natureza um método analítico esclarecedor e às ciências do espírito um método fundado em procedimentos de compreensão em bases descritivas, Dilthey afirma que ao método científico físico-matemático (ciência da natureza) corresponderia um conhecimento explicativo e ao método hermenêutico-histórico (ciência do espírito) corresponderia um conhecimento compreensivo.

Desta forma, Dilthey aprofundou essa distinção entre conhecimento explicativo e conhecimento compreensivo, institucionalizando correlativamente a expressão Ciências do Espírito. Para ele, as manifestações da vida e as objetivações do homem no mundo social e histórico constituem o principal ponto de abordagem das Ciências do Espírito, sendo a via de acesso a elas a compreensão, que definirá a atitude hermenêutica face à história. Deste modo, todo conhecimento se daria no mundo do espírito e, portanto, o conhecimento produzido pelas ciências naturais não seria mais garantia de verdade. A natureza pode ser explicada, mas o conhecimento propriamente dito é uma atividade do espírito, visando a transformação da realidade histórico-social. O valor do conhecimento, contido nas ciências da natureza, adviria, pois, de sua ação transformadora sobre a realidade histórico-social, e, neste sentido, deveria ser articulado com os conhecimentos realizados pelas demais ciências do espírito. Dessa forma, para Dilthey, o termo ciência do espírito designa, ao

² Filósofo alemão (Briebrich, Renânia - 19/11/1833 – Suisi, 01/10/1911). Começou a freqüentar a Universidade de Berlim em 1863. Diplomado com 24 anos, tornou-se professor da Universidade da Basileia. Durante esse período, sob influência do clima positivista que dominava a filosofia alemã, estudou a ótica de Helmholtz e a psicofísica de Fechner.

mesmo tempo, tanto as ciências da natureza, que têm por objeto as organizações sociais e o conjunto articulado dos conhecimentos científicos realizados no mundo histórico-social, quanto às ciências naturais. Dilthey nos mostra que toda ciência é ciência do espírito.

Outro nome importante nesse contexto é o de Schleiermacher. Ao criar a sua idéia de *hermenêutica*, Schleiermacher retoma duas tradições: a filosofia transcendental e o romantismo. Dessa união, surgiu a forma de questionar as condições da possibilidade de interpretação válida e uma nova concepção do processo de *compreensão*.

A tônica de Fichte na produtividade do Eu ativo (Ego) levou Schleiermacher à descoberta da lei hermenêutica de que todo pensamento do autor tem de estar relacionado com o sujeito ativo e organicamente desenvolvido: a relação entre individualidade e totalidade tornou-se o foco da hermenêutica romântica³.

Desta forma, os indivíduos são capazes de compreender sem terem de problematizar a sua atividade. Isso ocorre até cessar a possibilidade de debater. Assim, a experiência de um equívoco e a conseqüente tentativa de evitar a sua repetição residem na busca pelas certezas, que culmina na formulação de uma hermenêutica sistemática por parte de Schleiermacher.

Essa sistemática compõe-se de duas partes: interpretação gramatical e psicológica. Para a primeira, desenvolve vinte e quatro 'cânones' (*Kanones*). Os dois primeiros são os mais importantes e vieram decerto lançar alguma luz sobre a abordagem genética de Schleiermacher: primeiro, tudo o que necessita de uma maior determinação num dado contexto só pode ser determinado por referência ao campo de linguagem partilhado pelo autor e pelo seu público inicial; segundo, o significado de cada palavra num dado passo tem de ser determinado por referência à sua coexistência com as palavras que a rodeiam. A Tônica da lingüisticidade da

³ BLEICHER, Josef. **Hermenêutica contemporânea**. p.27.

compreensão [...] distinguiu com certeza a hermenêutica de Schleiermacher da dos seus antecessores.⁴

No outro aspecto, o da interpretação psicológica, os cânones surgem em torno da investigação do aparecimento do pensamento dentro da totalidade da vida de um autor. Na aplicação destas normas, permite-se compreender o sentido de determinado texto, pois, existindo um conhecimento histórico e lingüístico adequado, o intérprete encontra-se na possibilidade de compreender melhor o autor.

O intérprete que segue conscienciosamente o fio do pensamento do autor terá de trazer para o nível consciente muitos elementos que ficariam inconscientes neste último – compreendê-lo-á, por conseguinte, melhor do que ele se compreendeu a si próprio.⁵

Para Schleiermacher, a compreensão, enquanto arte, é voltar a experimentar os processos mentais do autor do texto. Começa com a obra acabada e volta à vida mental que a produziu. O autor constrói sua frase, porém, é o leitor que entrará na estrutura própria da frase e do pensamento do autor.

A interpretação consiste em dois momentos interactuantes: o momento 'gramatical' e o 'psicológico' (no sentido lato de tudo aquilo que se inclui na vida psíquica do autor). O princípio em que assenta esta reconstrução, seja ela gramatical ou psicológica, é o do círculo hermenêutico⁶.

⁴ BLEICHER, Josef. **Hermenêutica contemporânea**. p.27.

⁵ PALMER, Richard E. *Hermenêutica* p. 95

⁶ Compreender é uma operação essencialmente referencial; compreendermos algo quando o comparamos com algo que já conhecemos. Aquilo que compreendemos agrupa-se em unidades sistemáticas, ou círculos compostos de partes. O círculo como um todo define a parte individual, e as partes em conjunto formam o círculo. Por exemplo, uma frase como um todo é uma unidade. Compreendemos o sentido de uma palavra individual quando a consideramos na sua referência à totalidade da frase; e reciprocamente, o sentido da frase como um todo está dependente do sentido das palavras individuais. Conseqüentemente, um conceito individual tira o seu significado de um contexto

Já a psicanálise, como um novo saber, surgiu no momento em que estas discussões epistemológicas passavam um peculiar momento de revolução, causadas pela “disputa” existente entre o conjunto constituído pelo saber tradicional clássico galileano, nomeadamente, física, química e demais ciências naturais, e o conjunto constituído dos nascentes saberes humanos (saberes acerca do espírito). O primeiro conjunto de saberes apresentava solidez quanto a métodos e procedimentos, o que, todavia, não acontecia com o segundo grupo. Os saberes acerca do espírito careciam de uma metodologia própria de trabalho que lhes possibilitasse fazer frente aos saberes da natureza.

Dentro desse terreno de disputas metodológicas encontra-se Freud que, desde o início de seus estudos psicanalíticos, defendia que, na psicanálise, teoria e clínica deveriam andar juntas – o que o levou a considerar que sempre haveria uma teoria da clínica e uma clínica que corresponda a uma teoria. Freud utilizou os modelos historicamente datados das ciências de sua época e também o seu próprio modelo. Compôs, assim, um modelo específico de psicologia. Em sua postura metodológica prática estiveram presentes apenas suas próprias convicções, que o levaram a evitar estabelecer relações com elementos externos à situação terapêutica. Desta postura resultou, na virada do século XIX para o XX, o surgimento da psicanálise. Em suas palavras:

Não é de se estranhar o caráter subjetivo desta contribuição que me proponho trazer à história do movimento psicanalítico, nem deve causar surpresa o papel que nela desempenho, pois a psicanálise é criação minha. (...), acho justo continuar afirmando que ainda hoje ninguém pode saber melhor do que eu o que é a psicanálise, em que

ou horizonte no qual se situa; contudo, o horizonte constrói-se com os próprios elementos aos quais dá sentido. Por uma interação dialética entre o todo e a parte, cada um dá sentido ao outro, a compreensão é portanto circular. E porque o sentido aparece dentro deste ‘círculo’, chamamos-lhe o ‘círculo hermêutico’ (Palmer, p. 94).

ela difere de outras formas de investigação da vida mental, o que deve precisamente ser denominado de psicanálise e o que seria melhor chamar de outro nome qualquer.⁷

Freud, ao criar um saber, elaborou um discurso epistemológico *sui generis*, datado no universo epistemológico dos séculos XIX e XX. Ao criar esse saber, elaborou tanto as regras que estabelecem os parâmetros de funcionamento desse quanto seus referentes específicos. Na constituição e na produção deste saber, Freud forjou sua epistemologia pensando em uma prática científica.

A psicanálise tem um direito especial de falar de uma Weltanschauung científica nesse ponto, de vez que não pode ser acusada de ter negligenciado aquilo que é mental no quadro do universo. Sua contribuição à ciência consiste justamente em ter estendido a pesquisa à área mental. E, aliás, sem tal psicologia, a ciência estaria muito incompleta.⁸

Ainda que no momento do nascimento da psicanálise fosse uma distinção forte, aparentemente, Freud não se deixou contaminar por essa distinção entre as ciências da natureza e ciências do espírito. Contudo, mesmo Freud permanecendo alheio às disputas metodológicas, ainda assim, responde à comunidade científica de sua época. Na resposta, explana acerca da questão referente ao lugar que esse novo saber, em constituição, ocupava em relação ao par ciência da natureza ciência do espírito, ou seja, o lugar ocupado pela psicanálise a partir da concepção dualista de ciência. Freud simplesmente toma partido de uma outra posição: mantém-se fiel ao projeto monista, que defendia o modelo explicativo como único modelo válido para a constituição de uma ciência – que seria sempre uma ciência natural. Para Freud, não haveria

⁷ FREUD, S. **A história do movimento psicanalítico**. p. 16.

⁸ FREUD, S. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise**. p. 194.

ciência do espírito, pelo que, a psicanálise não poderia ser outra coisa que uma ciência da natureza.

Nas palavras de Freud: *A psicologia é uma ciência da natureza. O que mais ela poderia ser?*⁹ Indaga Freud, já ao final de sua obra, em *Algumas lições elementares de psicanálise*, texto de 1938. Para entendermos o sentido preciso dessa indagação, recorreremos ao texto de Assoun, *Introdução à metapsicologia freudiana*, a fim de precisarmos o cenário em que se desenrola o debate epistemológico do qual Freud vai tomar parte.

Para Freud, a diferença entre ciência natural e ciência do espírito não fazia sentido. Entendia ele que se algo é científico é, por definição, algo referente à natureza. E assim diz: “mas é justo dizer que uma psicologia que não pode explicar os sonhos é também inútil para a compreensão da vida mental normal, e que ela não pode reivindicar a denominação de ciência”¹⁰. Assim, instituiu a psicanálise como um saber pertencente ao conjunto da ciência da natureza. Segundo Assoun:

Eis por onde se anuncia a singularidade freudiana: por sua obstinação um pouco teimosa em etiquetar a psicanálise como *Naturwissenschaft*, ele acha o meio para eludir a questão, de ignorá-la placidamente. Ele não escolhe a ciência da natureza contra uma ciência do espírito: na prática ele quer dizer que a diferença não existe, na medida que, em termos de cientificidade, só haverá ciência da natureza. Freud, aparentemente, não conhece outra.¹¹

Essa postura efetivou-se porque, naquele momento, Freud teve significativo contato com a cultura científica clássica e o instrumento metodológico usado para a sua construção teórica. Freud partiu da idéia do

⁹ FREUD, S. *A natureza do psíquico*. p. 317.

¹⁰ FREUD, S. *A questão da análise leiga*. p. 220.

¹¹ ASSOUN, Paul-Laurent, *Introdução à epistemologia freudiana*. p. 48.

homem em sua dimensão pura como “natureza”, que conduziu a psicanálise ao modelo de *Naturwissenschaften*.

O otimismo intelectual, naturalista, de Freud (...) mesmo quando, comparado ao de seu mestre Meynert, seja incomparavelmente mais controlado e disciplinado, corresponde ao de seus modelos e de seus predecessores. Trata-se do otimismo intelectual do naturalista (...), o do naturalista da segunda metade do século XIX e do início do século XX. É a esse otimismo intelectual das ciências da natureza, a idéia do homo natura nele enraizada e por ele construída, invulnerável a todas as influências não naturalistas, que a doutrina freudiana deve sua força conquistadora (...) o homo natura constitui o problema científico no qual o gênio de Freud se verificou, o edifício científico que, com uma inflexibilidade e uma persistência incríveis, constitui a partir do material mutante da vida humana.¹²

Para entender as razões que levaram Freud a escolher a metodologia das ciências da natureza é necessário entender que a abordagem psicanalítica não admite diferenciação entre explicação e interpretação. Vale dizer que a *Deutung* (interpretação) freudiana, realmente representada em Freud, aparece não dissociada da *Erklärung* (explicação), que a interpretação seja compreendida como uma variante da explicação. Em nenhum momento Freud toma a interpretação como termo antagônico de explicação, o que deixa claro em seus textos: “é necessário observar o fato de que minha teoria não se baseia numa consideração do conteúdo manifesto dos sonhos, mas se refere aos pensamentos que o trabalho de interpretação mostra estarem por trás dos sonhos...”¹³ E continua: “assim o trabalho de análise implica uma arte de interpretação, cujo manuseio bem sucedido pode exigir tato e prática, mas que não é difícil.”¹⁴

¹² ASSOUN, Paul-Laurent, **Introdução à epistemologia freudiana**. p.22

¹³ FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. p. 152.

¹⁴ FREUD, S. **Um estudo autobiográfico**. p. 55.

Freud sempre foi muito rigoroso quanto ao seu procedimento intelectual, onde explica de modo interpretativo ou interpreta fornecendo a causa, o que re-centra a interpretação sobre a explicação. Desta forma, determinar a significação do sonho não significa, para Freud, dismantelar o esquema causal. O que Freud trata é de elucidar o vínculo objetivo entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente:

(...) Tudo isso é familiar a todo analista, a partir de sua experiência cotidiana, e é inteligível sem dificuldade. Apenas um ponto exige investigação e explicação.¹⁵

(...) propomos lidar com estas coisas da mesma forma como o fazemos com qualquer outro material científico: antes de mais nada, estabelecer se, se pode realmente demonstrar que tais eventos acontecem, e então, e somente então, quando sua natureza factual não pode ser posta em dúvida, dedicar-nos à sua explicação.¹⁶

O que não acontece em outras correntes, como a de Droysen e Dilthey, onde está integrada a idéia de interpretação à conotação antinômica de explicação. Para Freud, o ato interpretativo não se separa do ato explicativo pelo qual se remonta do efeito à causa:

Farei uma pequena digressão, para perguntar-lhes se sabem o que significa uma terapia causal. É este o modo como descrevemos um procedimento, que não considera como ponto de ataque os sintomas de uma doença, mas se propõe remover suas causas. Pois bem, é então nosso método analítico uma terapia causal, ou não? A resposta não é simples, mas pode, talvez, dar-nos a oportunidade de perceber a inutilidade de uma pergunta assim formulada. Na medida em que a terapia analítica não se propõe como sua tarefa primeira remover os sintomas, ela se comporta como uma terapia causal. Em outro aspecto, os senhores podem dizer, ela não o é. É que, há muito tempo atrás, situamos a origem da seqüência das causas da doença, das repressões às disposições instintuais, suas intensidades relativas na

¹⁵ FREUD, S. **Construções em Análise**. p. 300.

¹⁶ FREUD, S. **Conferência XXX**. p. 45-46.

constituição e os desvios no curso de seu desenvolvimento. Supondo, agora, que fosse possível, talvez, por algum meio químico interferir nesse mecanismo, aumentar ou diminuir a quantidade de libido presente em determinada época ou reforçar um instinto à custa de outro – tal coisa, seria então, uma terapia causal no verdadeiro sentido da palavra, para a qual a nossa análise teria efetuado o indispensável trabalho preliminar de reconhecimento.¹⁷

A mente humana como um mecanismo, cujo funcionamento pode ser explicado por causas, é o ponto de partida crucial de toda sua obra. Em qualquer relato clínico ou explicação teórica pode-se deparar com Freud buscando causas que expliquem o aparecimento dos quadros patológicos.

Observações como essas nos parecem estabelecer uma analogia entre a patogênese da histeria comum e das neuroses traumáticas e justificar uma extensão de conceito de histeria traumática. Nas neuroses traumáticas, a causa atuante da doença não é o dano físico insignificante, mas o afeto do susto - o trauma psíquico. De maneira análoga, nossas pesquisas revelam para muitos, senão para maioria dos sintomas histéricos, causas desencadeadoras que só podem ser descritas como traumas psíquicos (...). Essas causas só puderam exercer um efeito traumático por adição e constitui um conjunto por serem em parte componentes de uma mesma história de sofrimento. Existem outros casos em que uma circunstância aparentemente trivial se combina com o fato realmente atuante ou ocorre numa ocasião de peculiar suscetibilidade ao estímulo, e, dessa forma, atinge a categoria de um trauma que de outra forma não teria tido, mas que daí por diante persiste.¹⁸

Fica claro que, para Freud, a psicanálise é uma *Naturwissenschaft*, porque ele só vê a ciência como a ciência da natureza. Sua ambição de cientificidade emana da ciência da natureza, o que pode ser confirmado em seus escritos:

¹⁷ FREUD, S. *Conferência XXVII. Transferência*. p. 508.

¹⁸ FREUD, S. *Estudos sobre a histeria*. p. 43-44.

A intenção é promover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição.¹⁹

Desta forma, é notável que, na base epistemológica de Freud, encontra-se um monismo²⁰. Freud tinha um modelo teórico sobre a origem do homem: articulou a definição biológica do cérebro como órgão e o conjunto de atividades psíquicas chamada mente e desenvolveu o conceito de aparelho neurocerebral, que é um conceito organizacional. Desta maneira, Freud organizou uma realidade que comporta tanto uma face organizacional quanto uma face do órgão biológico e também uma face psíquica. O interesse não foi o de reduzi-las uma à outra, mas sim pesquisar a natureza de sua articulação. Assim, entende que toda a ciência é considerada como um único edifício de conhecimentos, que deve incluir as humanidades.

Mesmo com todas as disputas metodológicas, Freud fez sua escolha epistemológica, negando o dualismo científico e, optando pela prática científica que se originou desde a anatomia e a fisiologia, manteve o monismo como seu ideal científico no campo físico-químico. Além do que, seu contato com os anátomo-fisiologistas o levou a estabelecer a psicanálise em bases naturais, reforçando sua postura contra os dualistas. A concepção do estatuto epistêmico da ciência do psiquismo, em Freud, desde o início, foi então reducionista, e é este reducionismo que fundou seu monismo epistemológico. O contato de Freud com Helmholtz, Brucke e Du Bois Reymond, mestres da fisiologia, constituiu-se como um reforço de sustentação do seu juramento fisicalista. O posicionamento de “Helmholtz-Brucke-Du Bois Reymond” parte da

¹⁹ FREUD, S. **Projeto para uma psicologia científica**. p. 40.

²⁰ Esse vocábulo vem do grego, *monos*, "único". Refere-se a qualquer doutrina que diz que algum princípio único governa todas as coisas, por meio de cujo princípio tudo existe e opera.

idéia de que as forças químicas e físicas agem no organismo de forma preponderante.

Ora, Freud exprime sua convicção epistemológica absorvida nessa fonte, constatando que a psicanálise pertence a *Naturwissenschaft* como um requisito. Seu ideal científico está inscrito nos métodos das ciências da natureza, marcadamente físico e químico. Freud revelou sua fidelidade ao ideal científico em que se iniciou (na anatomia e na fisiologia) quando ainda era estudante de medicina, onde tomou parte, em seu tempo e lugar, ao *juramento fisicalista* ao qual permaneceu fiel. Dentro da perspectiva reducionista, então admitida por Freud, tudo deve reduzir-se ao contexto físico-químico.

A posição de Freud sobre a relação mente e corpo teria sido monista, como nos mostra Assoun:

Na epistemologia freudiana não há lugar para o dualismo. Tanto isso é verdade que a distinção entre as *Geisteswissenschaften* e as *Naturwissenschaften* remete a uma distinção de duas esferas axiologicamente diferentes. Ainda é pouco dizer que, para Freud, a psicanálise é uma *Naturwissenschaft*: na realidade não há ciência senão da natureza (...) Portanto, vamos encontrar na base da epistemologia freudiana um monismo caracterizado e radical.²¹

Esta posição de Freud decorre da recusa do paralelismo psicofísico tal qual proposto por Haeckel, cujo fundamento dualista era visto como traição à fundamentação da psicanálise nas ciências da natureza. A partir desta postura científica, Freud expôs a descoberta dos sintomas conversivos dos pacientes histéricos relacionando-os a experiências vividas e não a uma lesão somática.

Embora, por um lado, realmente reconheçamos a veracidade de certas asserções constantemente repetidas, tais como a de que o estado histérico é um efeito tardio e duradouro de uma emoção vivida no passado, introduzimos na etiologia da histeria, por outro lado, um

²¹ ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução à epistemologia freudiana**. p. 50.

fator que o próprio paciente nunca menciona e cuja validade só admite com relutância.²²

(...) Da mesma forma que um sofrimento psíquico que é recordado no estado consciente de vigília ainda provoca uma secreção lacrimal muito tempo depois de ocorrido o fato. Os histéricos sofrem principalmente de reminiscências.²³

Esta explicação contrariava a psiquiatria da época, que considerava que a causa dos sintomas da histeria seria uma alteração orgânica, conseqüência de uma "degeneração nervosa". Paulatinamente, o modelo neurofisiológico deu lugar à concepção de "aparelho psíquico", que explicaria a causa dos sintomas histéricos. Tal explicação seria possível porque as causas não correspondiam a uma lesão no sistema nervoso, mas à sua representação psíquica – o que levou Freud a reformular a sua concepção sobre a natureza do psíquico. Freud abandonou a pretensão, que tinha à época do *Projeto de uma psicologia*, de formular hipóteses específicas sobre a base neurofisiológica dos processos psíquicos.

Descrevi a estrutura do aparelho psíquico e as energias ou forças que nele são ativas, e delineei num exemplo notório a maneira como essas energias (principalmente a libido) organizam-se numa função fisiológica que serve ao propósito da preservação da espécie. Nada havia, nisso tudo, que demonstrasse a característica inteiramente peculiar do que é psíquico à parte, naturalmente, o fato empírico de que esse aparelho e essas energias são as bases das funções que descrevemos como nossa vida mental. Voltar-me-ei agora para algo que é exclusivamente característico do psíquico, e que, na verdade, de acordo com opinião largamente aceita, coincide com ele, à exclusão de tudo o mais.²⁴

Freud, mesmo na época em que acreditava que devia e podia formular hipóteses específicas sobre a base fisiológica do psíquico, isto é, na época do

²² FREUD, S. **A etiologia da histeria**. p. 179.

²³ FREUD, S. **Sobre o mecanismo psíquico dos Fenômenos Histéricos**. p. 45.

²⁴ FREUD, S. **Qualidades psíquicas**. p. 182.

Projeto de uma psicologia científica, pôde constatar que não era tanto sua psicologia que se tornava fisiológica, mas antes sua fisiologia que se tornava psicológica.

O motivo principal, porém, foi que Freud, o neurologista, estava sendo superado e deslocado por Freud, o psicólogo: tornava-se cada vez mais evidente que até mesmo o elaborado mecanismo dos sintomas neuróticos era canhestro e grosseiro demais para lidar com as sutilezas que estavam sendo trazidas à luz pela '*análise psicológica*', sutilezas que só poderiam ser explicadas na linguagem dos processos mentais.²⁵

Para explicar os sintomas neuróticos dentro das ciências da natureza, Freud fez uso inicialmente de um modelo neurofisiológico, organizado em torno dos conceitos de *estrutura* e *função*. Um exemplo de estrutura do sistema nervoso é o arco reflexo cuja função é a de responder a um estímulo. No *Projeto para uma psicologia científica*, Freud tentou a compreensão do funcionamento mental fundamentado na existência de tipos diferentes de neurônios que – com suas vias de condução, barreiras de contato, mecanismos de facilitação e critérios de energia livre e vinculada – explicariam a causa dos sintomas. Seu objetivo era formular uma psicologia da ciência natural: apresentar os processos psíquicos como estados quantitativamente definidos de partes materiais especificáveis: os neurônios.

Esta concepção significa que os conceitos e explicações de natureza psicológica seriam redefinidos por conceitos e explicações mais próximos de conceitos neurofisiológicos. Conceitos como *representação*, *desejo*, *pensamento*, *intenção* e *atenção*, entre outros, deveriam ser substituídos por outros como *excitação*, *inibição* ou *reflexo*. Nessa perspectiva, tudo que é oferecido pelo "sentido interno" ou pela consciência de si mesmo, deveria ser

²⁵ STRACHEY, J. In: FREUD, S. **A história do movimento psicanalítico**. p. 187.

considerado como não pertinente ou enganoso. O método de pesquisa deveria ignorar a introspecção e privilegiar os procedimentos do laboratório de fisiologia ou os procedimentos experimentais baseados na observação objetiva do comportamento. Todo fenômeno deveria ser explicado sobre fatores antecedentes e objetivos. Sobretudo, toda explicação teleológica deveria ser evitada, isto é, toda explicação de um fato deveria estar em sua "finalidade" ou "alvo" supostos. Os conceitos de natureza psicológica como *desejo*, *pensamento*, *prazer* e outros não são redefinidos por conceitos neurofisiológicos, e é sua representação neurofisiológica que se dobra às exigências da teoria dos processos psíquicos. Mais tarde, a concepção da base neural do psíquico não lhe imporá mais a tarefa de tentar uma formulação hipotética dos processos neurofisiológicos em questão e Freud contentar-se-á, então, em recorrer a instâncias e processos psíquicos para sua teoria.

É por este motivo que o 'projeto' é importante para os leitores de *A Interpretação dos Sonhos* – grande parte do modelo geral do esquema anterior, assim como muitos de seus elementos, foram transpostos para o novo esquema. Os sistemas de neurônios foram substituídos por sistemas ou instâncias psíquicos: uma "catexia" hipotética de energia psíquica tomou lugar da "quantidade" física; o princípio da inércia tornou-se a base do princípio de prazer (...) Com o passar do tempo, seu interesse foi-se desviando gradualmente dos problemas neurofisiológicos e teóricos para os problemas psicológicos clínicos.²⁶

Desta forma, no pensamento de Freud, há uma firme adesão ao pensamento causal. A mesma relação de causalidade dos fenômenos estudados pelas ciências naturais aplica-se, segundo ele, aos fenômenos psíquicos, concluindo:

²⁶ STRACHEY, J. In: FREUD, S. **Interpretação dos sonhos**. 1900, p. 25.

Mas a relação causal entre o trauma psíquico determinante e o fenômeno histórico não é de natureza a implicar que o trauma atue como mero *agent provocateur* na liberação do sintoma, que passa então a levar uma existência independente. Devemos antes presumir que o trauma psíquico - ou, mais precisamente, a lembrança do trauma - age como um corpo estranho que, muito depois de sua entrada, deve ser considerado como um agente que ainda está em ação; encontramos a prova disso num fenômeno invulgar que, ao mesmo tempo, traz um importante interesse *prático* para nossas descobertas.²⁷

A causalidade dos processos psíquicos é coerente com a idéia de que estes têm um substrato natural, neural - mesmo não podendo ser explicado em termos neurais. Para Freud, trata-se sempre de compreender os processos psíquicos em termos de causas. A *elucidação do sentido*, seja dos sonhos ou dos sintomas, tem, sem dúvida, um lugar central no seu sistema. Essa elucidação de sentido deve se fazer apenas como uma simples hermenêutica, isto é, como uma exploração das possibilidades de significação ou de simbolização. A teoria freudiana recorre a explicações causais relativas aos processos psíquicos inconscientes, em termos de conflitos entre instâncias com diferentes modos de funcionamento. Na técnica de *associações*, a interpretação freudiana das associações deriva diretamente de um pensamento causal: as associações que o paciente produz durante a análise e os elementos do sonho são considerados como derivados das mesmas causas. A interpretação simbólica aceita por Freud só obtém valor em relação a uma explicação causal relativa a um desejo inconsciente suposto.

Isso se verifica, em parte, porque o que está em questão é, muitas vezes, alguma experiência que o paciente não gosta de discutir; mas ocorre principalmente porque ele é de fato incapaz de recordá-la e, muitas vezes, não tem nenhuma suspeita da conexão causal entre o evento desencadeador e o fenômeno patológico. Via de regra, é necessário hipnotizar o paciente e provocar, sob hipnose, suas

²⁷ FREUD, S. **Estudos sobre a histeria**. p. 44.

lembranças da época em que o sintoma surgiu pela primeira vez; feito isso, torna-se possível demonstrar a conexão causal da forma mais clara e convincente.²⁸

A crença de Freud na causalidade psíquica é, muitas vezes, afirmada com um termo forte, o de *determinismo psíquico*. A ciência da época de Freud era estritamente determinista. Para exemplificar, na *Psicopatologia da vida cotidiana*, Freud afirma o seguinte:

Depois que nos habituamos a essa concepção do determinismo na vida psíquica, sentimo-nos justificados em inferir das descobertas da psicopatologia da vida cotidiana que as idéias que ocorrem ao sujeito numa experiência de associação podem também não ser arbitrárias, mas determinadas por um conteúdo ideativo nele atuante.²⁹

Muitas pessoas, como se sabe, contestam a suposição de um determinismo psíquico completo invocando um sentimento especial de convicção de que existe um livre-arbítrio. Esse sentimento de convicção existe, e não cede diante da crença no determinismo.³⁰

A *psicopatologia da vida cotidiana* encerra-se com um capítulo dedicado à questão do determinismo, da crença e da superstição, temas que Freud tornaria a evocar numa de suas conferências proferidas nos Estados Unidos e reunidas num pequeno volume intitulado *Cinco lições de psicanálise*. Freud assinala que o determinismo psíquico, que por antífrase ele denomina de *acaso externo*, no qual as determinações psíquicas se acham quase totalmente ausentes, é quase sempre objeto de um deslocamento espontâneo por parte do ser humano.

Devo afirmar que às vezes é muito útil ter um pressuposto. Eu tinha em alto conceito o rigor do determinismo dos processos mentais.³¹

²⁸ FREUD, S. *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos*. p. 41.

²⁹ FREUD, S. *A psicanálise e o determinismo dos fatos nos processos jurídicos* p. 107.

³⁰ FREUD, S. *Determinismo, crença no acaso e superstição alguns pontos de vista*. p. 219.

³¹ FREUD, S. *Cinco lições de psicanálise*. p. 29.

(...) o psicanalista se distingue pela rigorosa fé no determinismo da vida mental.³²

(...) julgo eu, que existem especialmente dois obstáculos, dignos de nota, contra a aceitação das idéias psicanalíticas: primeiramente, a falta de hábito de contar com o rigoroso determinismo da vida mental.³³

O modo encontrado por Freud para escapar ao determinismo estrito de sua época foi abrigando-se na noção de *sobredeterminação*³⁴. Cada fenômeno psíquico é determinado, mas pode sê-lo ao mesmo tempo por vários fatores. A possibilidade de sempre encontrar outros determinantes e de imaginar ainda outros que não se pode precisar impõe, na realidade, uma limitação, pelo menos prática, ao determinismo psíquico freudiano. Sua posição causal permanece, portanto, inalterada, em coerência com sua concepção naturalista dos processos subjacentes aos fenômenos psíquicos.

O determinismo psíquico adotado por Freud poderia ser visto como entrando em choque com seus conceitos de *escolha de objeto* e *escolha da neurose*.

Pode-se considerar como ocorrência típica que a escolha de objeto se efetue em dois tempos, em duas ondas. A primeira delas começa entre os dois e os cinco anos e retrocede ou é detida pelo período de latência; caracteriza-se pela natureza infantil de seus alvos sexuais. A segunda sobrevém com a puberdade e determina a configuração definitiva da vida sexual.³⁵

A propósito, escrevem Laplanche e Pontalis:

³² FREUD, S. **Cinco lições de psicanálise**. p. 36.

³³ FREUD, S. **Cinco lições de psicanálise**. p. 48.

³⁴ Sobredeterminação, termo empregado em filosofia e psicologia para designar, conforme as modalidades próprias de cada objeto, uma pluralidade de determinação que gere um dado efeito. Essa palavra foi utilizada por Sigmund Freud, em particular, na *Interpretação dos sonhos*. (Roudinesco E. e Michel Plon. Dicionário de psicanálise).

³⁵ FREUD, S. **Dois tempos da escolha de objeto**. p. 187.

Todavia, não é indiferente que, numa concepção que invoca um determinismo absoluto, apareça este termo sugerindo que seja necessário um ato do sujeito para que os diferentes fatores históricos e constitucionais evidenciados pela psicanálise assumam os seus sentidos e o seu valor motivante.³⁶

Freud iniciou seu pensamento teórico assumindo que não há nenhuma descontinuidade na vida mental. Afirmou que nada ocorre ao acaso, muito menos os processos mentais. Há uma causa para cada pensamento, para cada memória revivida, sentimento ou ação. Cada evento mental é causado pela intenção consciente ou inconsciente e é determinado pelos fatos que o precederam. Uma vez que alguns eventos mentais parecem ocorrer espontaneamente, Freud começou a procurar e descrever os elos ocultos que ligavam um evento a outro.

O conceito de determinismo psíquico foi essencial para a psicanálise em seus primórdios. Por meio dele, Freud buscava, entre outros objetivos, afastar a psicanálise de misticismos e aproximá-la do campo das ciências, dentro de um modelo causa-efeito determinado. Freud precisou elucidar uma identidade epistemológica que superasse a contradição entre a exigência fenomenal à psicanálise, a *naturwissenschaft* e a transobjetividade de que se trata. Ao construir uma metapsicologia, Freud deu uma identidade epistêmica à psicanálise.

Dentro desse entendimento, o que Freud fez foi apropriar-se do modelo químico para elucidar a sua idéia de aparelho psíquico, ou seja, continuou fiel às suas idéias de que a psico-análise é uma ciência da natureza, e como tal, deveria se apresentar de acordo com o modelo das ciências clássicas.

³⁶ LAPLANCHE e PONTALIS. **Vocabulário da Psicanálise**. p. 154.

1.2 As opções metodológicas do fisicalismo

O significativo ano de 1840 marcou a prática desenvolvida pela fisiologia, física e química, com interesses comuns quanto à matriz energética. É com esse modelo que Freud introduziu os *Processos do Inconsciente*, nos quais *decompor* e *compreender* tornaram-se a chave para seu procedimento, e também, onde ele encontrou a linguagem do inconsciente. Os desafios da psicofisiologia marcaram o último quarto do século XIX, trazendo com eles disputas entre os campos de saber: por um lado, os “Nativistas” e, por outro, os “Empíricos”. Essas divergências culminaram em duas grandes escolas filosóficas — a dos Empíricos e a dos Nativistas — disputando o campo da ótica fisiológica e reclamando pelo conhecimento do espaço - se era adquirido de forma inata ou como resultado da experiência - embora Freud deixe claro esta divisão entre naturalismo e empirismo, no tocante ao aparelho psíquico e à percepção. Todo esse cientificismo fisicalista desembocou em algo do qual Freud jamais se separou: o determinismo, sua origem de formação.

Dentro do grande debate entre as escolas, não se pode deixar de citar o nome de Koller, que propôs um debate ativo sobre o determinismo diante da disputa de opiniões, o que mostra que a Ciência da Natureza, seguindo a física, fisiologia e psicologia, apóia-se numa rigidez determinista. Pode-se constatar que Freud, absorvido pelo modelo de saber vigente, quase meio século antes de criar a psicanálise, evidenciava que a sua postura estava ligada a modelos epistêmicos antigos. Isso se dá porque ele foi educado nesse meio, o que o tornava conservador à evolução de outros modelos que não tivessem esses referentes.

Além do forte interesse pela química e pela física, Freud demonstrava, em especial, um interesse pela fisiologia anatômica, terreno de sua formação

como médico neurologista. Contudo, Freud sofreu ainda outra influência: em 1842, surgiu, no cenário, um médico-físico chamado Robert Mayer,³⁷ que explicitou *a lei geral da conservação da energia*. Com esta descoberta, a fisiologia encontrou seu pilar: o princípio energético único (força única), que se manifesta de várias formas. A psicologia apoiou-se nesse pilar, pela lei da conservação da força nos domínios psíquicos. Em contrapartida, os avanços da química começaram também a apontar neste cenário. Foi inaugurada a era da química, por Justus Von Liebig, com o primeiro laboratório de química Giessen, em que Liebig esboçou uma energética química pela via da química analítica. Seu método consiste na análise dos constituintes do organismo pela comparação dos átomos de um composto ingerindo com átomos dos derivados expelidos, surgindo dentro desta perspectiva a passagem de um composto vegetal a um composto animal por subtração de componentes³⁸.

Contudo, pode-se dizer, trata-se de um modelo de saber que se instaura um terço de século antes que Freud ingresse no campo do saber, e quase meio século antes que ele crie o instrumental heurístico da psicanálise. É justamente a primeira aquisição dessa primeira abordagem descritiva das posições freudianas: Freud está extraordinariamente ligado a modelos epistêmicos antigos³⁹.

A psicanálise, tanto quanto a química, opera com forças explosivas: uma com substâncias, outra com analogias psíquicas, o que torna claro a escolha do termo psico-análise, utilizado por Freud, pois podemos encontrar sua raiz

³⁷ Em 1842, Julius Robert Mayer propunha a **lei geral da conservação da energia**. Neste ano Mayer não tinha feito experiências quantitativas, mas havia observado processos fisiológicos, envolvendo calor e respiração, que o levaram a intuir a conclusão importante a que chegou, a saber: a lei da conservação geral da energia. Em 1847, Hermann von Helmholtz lançou a idéia de que a energia pode mudar várias vezes de forma, mas que, nos processos de conversão da energia, nada se cria ou se destrói, isto é, a quantidade de energia mantém-se constante, num sistema isolado. A lei da conservação da energia ficou, pois, estabelecida em meados do século XIX, tendo-se tornado um *ponto de apoio* fundamental para o progresso científico.

³⁸ Cf. ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução à epistemologia freudiana**. p. 70.

³⁹ ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução à epistemologia freudiana**. p. 75.

ligada a procedimentos químicos. Ao tentar uma fundamentação científica da psicanálise, Freud apoiou-se na química e na física como tentativa de escrever seu modelo epistemológico. Primeiro, fez a analogia com a química, psicanálise-química, como forma de introduzir na sua teoria do psiquismo um volume químico. Ao tratar do narcisismo, afirma:

Devemos nos lembrar de que todos os nossos conhecimentos psicológicos provisórios deverão ser estabelecidos, um dia sobre o solo dos substratos orgânicos. Parece então verossímil a existência de substâncias e de processos químicos produzindo os efeitos da sexualidade e permitindo a percepção da vida individual na vida da espécie.⁴⁰

Pensando no futuro da psicanálise, Freud apostou no saber químico como forma de dar conta, mais tarde, do saber psicológico. Esta é a forma que encontrou para manter seu juramento fisicalista e construir sua metapsicologia. Em seus próximos textos — *Ensaio de Metapsicologia* (1915) e *Psicanálise e Teoria da Libido* (1923) — continuou sua referência à física e à química. Nestes textos, tentou caracterizar a natureza científica da psicanálise, dando-lhe um verdadeiro modelo epistemológico:

A psicanálise se comporta como a física ou a química, de tal sorte que seus mais elevados conceitos não são esclarecidos, suas proposições são provisórias, mas espera do futuro, que tenham uma determinação mais contundente.⁴¹

Eis o fundamento de sua tese. A analogia que Freud fez com a química lhe serviu para determinar um sentido mais preciso à análise freudiana, enquanto que a física deu-lhe subsídios para a construção de sua identidade epistêmica.

⁴⁰ FREUD, S. *Sobre o Narcisismo*. p. 95.

⁴¹ ASSOUN, Paul-Laurent. *Introdução à epistemologia freudiana*. p. 66-67.

A hipótese que adotamos, de um aparelho psíquico que se estende no espaço, convenientemente reunido, desenvolvido pelas exigências da vida, que dá origem aos fenômenos da consciência somente em um determinado ponto e sob certas condições — essa hipótese nos colocou em posição de estabelecer a Psicologia em bases semelhantes às de qualquer outra ciência, tal como, por exemplo, a Física. Em nossa ciência, tal como nas outras, o problema é o mesmo: por trás dos atributos (qualidades) do objeto em exame que se apresenta diretamente à nossa percepção, temos de descobrir algo que é mais independente da capacidade receptiva particular de nossos órgãos sensoriais e que se aproxima mais do que se poderia supor ser o estado real das coisas⁴².

No texto de 1918, sobre os *Caminhos da Terapia Psicanalítica*, podemos perceber de forma mais contundente essa busca de Freud por assemelhar a psicanálise com a análise química como “decomposição”, como “desagregação”, mostrando que o trabalho do químico assemelha-se muito ao do analista. Assim como o químico separa os elementos químicos, o analista, por igual, separa as moções pulsionais, explicando as tendências sexuais dos homens, decompondo-as, o que indica uma concepção naturalista da moção pulsional, visto que o analista trata dos pedaços da natureza psíquica, que são as pulsões, enquanto o químico, das substâncias encontradas na natureza.

O trabalho da psicanálise sugere analogia com a análise química, mas o sugere também, na mesma medida, com a intervenção de um cirurgião, ou com as manipulações de um ortopedista, ou com a influência de um educador. A comparação com a análise química tem a sua limitação: porque, na vida mental, temos de lidar com tendências que estão sob uma compulsão para a unificação e a combinação. Sempre que conseguimos analisar um sintoma em seus elementos, liberar um impulso instintual de um vínculo, esse impulso não permanece em isolamento, mas entra imediatamente numa nova ligação.⁴³

Freud, ao apoiar-se nesse modelo químico, ressaltando suas afinidades com o modelo psicanalítico, deparou-se com a problemática dos limites dessas

⁴² FREUD, S. *O aparelho psíquico e o mundo externo*. p. 225.

⁴³ FREUD, S. *Linhas de progresso na terapia analítica*. p. 203.

afinidades. Esses limites surgem porque o que acontece na química psíquica não acontece na química propriamente dita. Comparemos os dois modelos da seguinte maneira: depois de decompostos, os elementos psíquicos tendem a unir-se novamente em uma psicossíntese, sem a interferência do analista. Já na química, isso não acontece. Seus corpos, após serem isolados pelo químico, formam sínteses pela afinidade de suas substâncias. Isto permite concluir, pela peculiaridade da análise psíquica, que o que ocorre num caso particular da química torna-se um caso geral no psiquismo. Assim, na química psíquica sempre ocorrerá uma psicossíntese, enquanto que na química essa síntese só se dará se entre as substâncias houver afinidades. Enquanto que na química, caso os elementos não tenham afinidades, eles continuarão separados, na química psíquica essa síntese sempre ocorrerá. Por mais que o analista consiga decompor as pulsões de suas causas, de seus vínculos, essas pulsões não ficarão *isoladas* para análise, elas formarão um outro elemento, um vínculo novo para análise. Diante dessa dificuldade com a química, Freud mostra-se fiel ao método analítico, isto é, toma cuidado para não introduzir no doente, nem muita análise e nem pouca síntese.

Tomemos ao pé da letra essa analogia: antes mesmo das conseqüências terapêuticas, isto supõe uma concepção naturalista da moção pulsional. Assim como o químico trata das substâncias encontradas na natureza, o analista se encontra em condições de tratar, em seu laboratório pessoal (*a cura*) esses pedaços da natureza psíquica que são as moções pulsionais. A própria doença não passa de uma combinação *artificial* desses elementos naturais. Portanto, a análise é uma intervenção artificial de segundo grau tendo por tarefa desatar de novo complexos, artefatos cuja desconstrução deve ter por efeito da reobtenção desses elementos básicos. É nisto que a comparação é “pertinente” (*berechtigt*), tendo mesmo um efeito, aos olhos de Freud, de estimulação para “abrir os novos caminhos” à terapêutica analítica⁴⁴.

⁴⁴ ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução à epistemologia freudiana**. p. 60.

Para compreender porque Freud partiu da química e da física na construção epistêmica de sua teoria é importante entender o que se passou na Alemanha, no ano de 1840, e acompanhar a evolução epistemológica, em que acontece o desenvolvimento da física e da química e a chegada dos fisiologistas que contribuíram para tal desenvolvimento. A renovação que modificou o cenário epistemológico vem da fisiologia com o Manual de Fisiologia Humana, de Johannes Müller⁴⁵, que reformulou a teoria da energia dos nervos e revolucionou a Neurologia da época, de onde saiu a primeira geração de fisiologistas alemães. Com o seu surgimento, avançou o campo da física e da química. Todos chegaram à física pela medicina, via fisiologia, caracterizando-se na imagem do médico-físico. A psicologia científica veio na seqüência, por Wundt, e foi nesse cenário que se desenvolveu a passagem de Freud da medicina para a psicologia.

A psicologia, em especial, apóia-se nesses dois pilares. Se, por volta de 1860, é reconhecido a Wundt o mérito de ter inaugurado a psicologia científica, é porque, de um lado, ele a apóia em fatos tomados de empréstimo à eletro-fisiologia; do outro, e antes de tudo, porque, em suas *Lições sobre a alma no homem e no animal*, aparece, pela primeira vez, a lei da conservação da força estendida ao domínio psíquico⁴⁶.

Desta forma, podemos entender que a ambição de Freud em fazer da psicanálise uma *Naturwissenschaft*, se dá pelo seu arcabouço físico-químico-fisiológico e na necessidade causal e determinista. Entender as causas, reconstituir o seu processo dentro de um modelo rigoroso, ainda que esses modelos sejam extremamente conservadores, permitiu a Freud pensar a psicanálise como ciência natural.

⁴⁵ JOHANES MULLER (1801-1858) notável psicólogo e fisiologista alemão, propôs a teoria da “energia nervosa específica” a qual defendia que os diferentes nervos (óptico, auditivo etc) transmitem uma espécie de código que identificava sua origem no cérebro.

⁴⁶ ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução à epistemologia freudiana**. p. 79.

1.3 As opções metodológicas do agnosticismo

O período agnosticista iniciou com um célebre fisiologista, Emile Du Bois-Reymond (1870), que trouxe um discurso inovador no meio científico da época, absorvido, de alguma forma, por todos os cientistas. Reymond desenvolveu, em seu discurso, um agnosticismo sustentado em uma perspectiva kantiana, na qual o conhecimento da natureza possui dois limites. Refere-se ao problema do “elo entre a matéria e a força” e, também, do problema da “consciência e sua relação com as condições materiais e com os movimentos”. Trata-se de saber qual é a substância comum entre a força e a matéria. Reymond conclui que para sempre “*Ignoramus Ignorabimus*”. O termo que o consagrou e serviu de profissão de fé para os cientistas de seu tempo, também é palavra símbolo para a filosofia natural.

Du Bois-Reymond desenvolve um agnosticismo resolutivo que se apóia na teoria kantiana do limite do conhecimento, mas especificando-a para o uso dos cientistas que, a partir de então, de bom grado retirarão dela seus filosofemas. [...] Confere ao conhecimento da natureza dois limites absolutos, os dois problemas insondáveis com os quais se debaterão eternamente os esforços da ciência e que definem as duas extremidades do campo de expansão da Ciência. [...] De um lado, do problema do “elo entre a matéria e a força” e da essência respectiva da força e da matéria; do outro, do problema da consciência em sua relação com as condições materiais e com os movimentos. [...] trata-se de saber ao mesmo tempo o que é a “substância” – fundo ou princípio comum da força e da matéria – e como esta substância sente, deseja e pensa⁴⁷.

A aprendizagem de Freud neste momento está inserida no contexto da filosofia natural mecanicista em estudos de medicina. Na medida em que a psicologia quer ocupar um lugar de ciência diante dos saberes, o agnosticismo

⁴⁷ ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução à epistemologia freudiana**. p. 79.

impõe-lhe seu imperativo obrigatório: “se queres tornar-te uma ciência da natureza digna deste nome, renuncia a ambição (metafísica) de conhecimento da alma, coisa em si”⁴⁸. A psicologia fundará seu saber nessa profissão de fé, à sombra do incognoscível. Ou seja, ainda que queira fugir às tentações de explicações metafísicas, a psicologia funda seu modelo a partir do que não se conhece, ou seja, o elo que liga o material a uma substância que pensa, sente, etc.

É nesse momento histórico que Lange pode ser encontrado com seu discurso (1878) *A História do Materialismo*, definindo a psicologia como “uma psicologia sem alma”. A psicologia científica, bem como a psicanálise, ouviu esse aviso. No entanto, mesmo reconhecendo o incognoscível de seu objeto, Freud não o considerou para o estudo dos processos inconscientes. Ele precisaria de procedimentos mais específicos e codificados, uma metapsicologia, não apenas de uma psicologia a mais, e sim, de uma psicologia que vai ao fundo do consciente, como comentou em uma correspondência para Fliess.⁴⁹

Assim, Freud reconhecia em seu modelo, o inconsciente como o incognoscível. “Porque seu castelo possui seu fantasma, e Freud não faz outra coisa senão rebatizá-lo: ‘inconsciente’”⁵⁰. E assim, é justamente desse impasse que nasce um saber seguro. Sabendo qual é o ‘calcanhar de Aquiles’ de seu projeto, mesmo com toda a efervescência das disputas entre ‘ismos’ como o monismo, materialismo, dualismo, etc, o que Freud faz é fundar a *metapsicologia*, ou seja, uma psicologia que vá ao fundo do consciente.

Freud não pode contentar-se com essa garantia agnosticista: precisa integrar, em procedimento de conhecimento específico e codificado, o estudo desses processos inconscientes, que enquanto transparecem nos fenômenos, constituem uma transobjetividade. Não poderia

⁴⁸ ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução à epistemologia freudiana**. p. 81.

⁴⁹ Carta de 12 de dezembro de 1896 cf. JONES, T.I. p. 325.

⁵⁰ ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução à epistemologia freudiana**. p. 81.

contentar-se com uma forma posicional de objetividade em primeiro grau, vale dizer, em produzir uma psicologia a mais. Portanto, o que se torna exigido, é aquilo que ele chama, desde sua correspondência com Fliess, de uma “metapsicologia”, “psicologia que vá ao fundo do consciente”.⁵¹

Freud precisou elucidar uma identidade epistemológica que superasse a contradição entre a exigência fenomenal à psicanálise, a *Naturwissenschaft* e a transobjetividade de que se trata. Ao construir uma metapsicologia, Freud deu uma identidade epistêmica à psicanálise. E foi na *metapsicologia* que encontrou a identidade epistemológica da nova teoria que buscava.

⁵¹ ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução à epistemologia freudiana**. p.84

2 METAPSIKOLOGIA FREUDIANA

“Para muitas pessoas que foram educadas na filosofia, a idéia de algo psíquico que não seja também consciente é tão inconcebível que lhes parece absurda e refutável simplesmente pela lógica”.

Freud

Nesse capítulo, apresentaremos as dimensões tópica, dinâmica e econômica. Por meio delas, Freud busca refinar seu trabalho desenvolvendo um aparato psíquico. Para mostrar como essas dimensões se constroem e se sucedem se faz importante entendermos de que modo Freud, após apoiar-se nos modelos da ciência de sua época, constrói uma teoria do aparelho psíquico baseado no inconsciente.

A Metapsicologia⁵² a partir de 1915 torna-se uma revisão conceitual que tem a preocupação de fazer com que a psicanálise seja reconhecida como ciência. Freud empenhou-se na elaboração de uma síntese, por meio de doze textos, partindo de sua correspondência com Jones, Abraham, Ferenczi, Andréas-Salomé, em que esclarecia a teoria psicanalítica e aprofundava suas

⁵² **Metapsicologia** – Termo criado por Sigmund Freud, em 1896, para qualificar o conjunto de sua concepção teórica e distingui-la da psicologia clássica. Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, Dicionário de Psicanálise.1997.

hipóteses fundamentais. Desses textos, somente cinco foram publicados entre 1915 e 1917. Até então, Freud possuía uma prática científica baseada no modelo anátomo-patológico, adquirida pela psicologia e psiquiatria alemãs.

O prefixo *meta* indica sua pretensão teórica de uma pesquisa que fosse além da psicologia, e também, como uma tentativa científica de ultrapassar as construções “metafísicas” na metapsicologia. Demonstra que a intenção da psicanálise foi a de ir além de uma concepção da consciência do psiquismo em direção a um psiquismo fundado no inconsciente.

Freud buscava um dispositivo teórico novo: fundar uma prática consistente e reconhecida pela ciência da época, pois o que se praticava até aquele momento era insatisfatório. Foi em nome de um ideal científico, resultado de sua prática de origem, que Freud mostrou sua originalidade. No encontro da neuropatologia e da psicopatologia clínica ele delimitou seu novo objeto e dessa delimitação nasceu a **Teoria Geral das Neuroses**.

Sob o ponto de vista clínico, a neurose era objeto de uma prática e, sob o neuropatológico, encontrava-se como uma condição de trabalho teórico. Freud buscou na sexualidade e na teoria do inconsciente uma justificativa para a teoria da neurose. A metapsicologia é, pois, a psicologia apoiada na neurologia, ou a neurologia renovada pela psicologia, por intermédio de uma teoria das neuroses, o novo projeto, como exigência epistêmica da busca freudiana de uma psicologia científica designada por Freud como “metapsicologia”.

Com a metapsicologia a psicanálise desenvolveu uma teoria com contornos revisáveis e definidos, pois estudou os processos inconscientes, o que a psicologia não conseguiu atingir. Segundo Freud, não seria possível construir uma psicologia científica sem uma metapsicologia. A teoria psicanalítica está composta por dois corpos de naturezas diferentes: um

empírico e outro de caráter teórico especulativo que se articulam coerentemente. A metapsicologia se constitui nas superestruturas teóricas que buscam explicar os processos psíquicos e construir sentido para eles ou parte do sentido desses processos.

... Idéias como estas fazem parte de uma superestrutura especulativa da psicanálise, podendo qualquer parcela da mesma ser abandonada ou modificada, sem perda ou pesar, no momento em que a sua insuficiência tenha sido provada.⁵³

No entanto, Freud reconheceu a possibilidade e a necessidade de mudar os conceitos de sua metapsicologia, desde que os fatos assim o exigissem. Isso caracteriza a teoria metapsicológica como necessária e substituível. Sua função é a de auxiliar a organização dos fatos, tornando possível estruturá-los e relacioná-los, configurando-se como um construto para conectar as descrições e uma orientação guia para observar novos dados. A teoria metapsicológica estabelece um quadro, uma direção para a busca de explicações para os processos psíquicos.

Freud não escondeu seu respeito a todos os mestres que, de alguma forma, foi possível tomar por modelo. Encontrou, então, as bases do teórico Ernest Mach, que representava uma corrente fisicalista na Alemanha, na virada do século XIX, e exerceu uma forte influência na nova geração de psiquiatras e cientistas, pois tentava dar continuidade da física à psicologia, tornando possível uma psicofísica. Foi num dos escritos de Mach, chamado *Conhecimento e Erro* (1905), que Freud foi buscar parte de seu material epistemológico para a criação da metapsicologia.

Todavia, paralelamente ao que desenvolveu Mach, Freud construiu uma lógica da pesquisa científica, sobre a questão dos conceitos fundamentais, tendo em vista que o que para a filosofia e o filósofo deve estar fundado na

⁵³ FREUD, S. **Um estudo autobiográfico**. p. 46.

necessidade pré-construída a priori de um sistema filosófico, para o cientista, paira na arbitrariedade de seu ponto de partida. Para tanto, foi preciso desenvolver a racionalidade científica no seu trabalho de construção da metapsicologia. A exigência de racionalidade não passou despercebida por Freud, que deu especial importância ao papel determinante das *idéias abstratas* e dos conceitos fundamentais.

Tenho um motivo especial para usar a palavra 'concepção', aqui. Estes são os problemas mais difíceis que se nos apresentam, mas sua dificuldade não está em alguma insuficiência de observações; o que nos propõem esses enigmas são realmente os fenômenos mais comuns e mais conhecidos.

Nem a dificuldade se situa na natureza recôndita das especulações a que eles dão origem; a reflexão especulativa desempenha uma parte insignificante nessa esfera. É, contudo, verdadeiramente uma questão de concepções — isto é, de introduzir as idéias abstratas corretas, cuja aplicação ao material bruto da observação nele produzirá ordem e clareza.⁵⁴

O trabalho metapsicológico de Freud vem enunciado nesse modelo. As suas idéias iniciais partem com todo o rigor ao estilo de convenções:

O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então ao seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas idéias abstratas ao material manipulado, idéias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas observações. Tais idéias – que depois se tornarão os conceitos básicos da ciência - são ainda mais indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborado. Devem, de início, possuir necessariamente certo grau de indefinição, não pode haver dúvida quanto a qualquer delimitação nítida de seu conteúdo. Enquanto permanecem nessa condição, chegamos a uma compreensão acerca de seu significado por meio de repetidas referências ao material de observação do qual parecem ter provindo, mas ao qual, de fato foram impostas. Assim rigorosamente falando,

⁵⁴ FREUD, S. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. p. 103.

elas são de natureza das convenções - embora tudo dependa de não serem arbitrariamente escolhidas, mas determinadas por terem relações significativas com o material empírico, relações que parecemos sentir antes de podermos reconhecê-las e determiná-las claramente.⁵⁵

Com esse pensamento, Freud encontrou o ponto de partida para a sua posição metodológica. O modo de pensar da psicanálise científica inaugurada por Freud é inacabado, visto que se encontrava sempre pronto a modificar suas teorias. No lugar de princípios, ele se satisfazia em usar pressupostos provisórios. Assim fazia observância ao que Mach dizia: *somente essa atitude pode tornar possíveis os progressos sérios e as grandes descobertas.*⁵⁶ Freud ainda censurou os sistemas filosóficos porque os mesmos não permitiriam nenhum espaço para novas descobertas e pontos de vistas aperfeiçoados. Diz:

A psicanálise não é como as filosofias, um sistema que parta de alguns conceitos básicos nitidamente definidos, procurando apreender todo o universo com o auxílio deles, e, uma vez completo, não possui mais lugar para novas descobertas ou uma melhor compreensão. Pelo contrário, ela se atém aos fatos de seu campo de estudo, procura resolver os problemas imediatos da observação, sonda o caminho à frente com o auxílio de experiências, acha-se sempre incompleta e sempre pronta a corrigir ou a modificar suas teorias. Não há incongruência (não mais que no caso da física e ou da química) se a seus conceitos mais gerais falta clareza e seus postulados são provisórios; ela deixa a definição mais precisa deles aos resultados do trabalho futuro.⁵⁷

Segundo Mach, o conhecimento organiza-se a partir do próprio corpo e esboça seu limite, externo e interno. Daí o nexos funcional entre as racionalidades física e psíquica. Neste aspecto, Mach levantava um obstáculo

⁵⁵ FREUD, S. **A história do movimento psicanalítico**. p. 137.

⁵⁶ In: ASSOUN, Paul-Laurent. 1983. p. 90.

⁵⁷ FREUD, S. **Além do princípio do prazer**. p. 307.

da arbitrariedade do ponto de partida (convencionalismo), formulando quatro pressupostos explicitamente:

1. A relação direta dos elementos é complexa e não pode ser feita de uma só vez. Precisa-se avançar passo a passo.
2. A compreensão supõe a limitação da extensão: “método das variações”.
3. O valor da escolha: “referências ao material da experiência”.
4. Adaptação dos pensamentos aos fatos. As idéias são investidas de objetividade do trabalho da racionalidade⁵⁸.

Confrontado com o mesmo obstáculo no ponto de partida, Freud respondeu no mesmo sentido que Mach pelas descrições e pela observação. As idéias são somente retiradas da experiência atual, por indução. Eis, pois, seu caráter de convenções. A construção metapsicológica consistia no trabalho de constante revisão, sempre na busca do mordente da teoria e da adaptação dos pensamentos aos fatos. De certa forma, Freud manteve um vínculo com essa corrente positivista machiana, porém apenas como referência epistemológica. Esse movimento que ele realizou ao relacionar-se com as ciências naturais demonstrava que a psicanálise ainda estava em busca de seu estatuto científico.

Mas o agnosticismo de Freud – cujo postulado é o caráter de “coisa em si” do inconsciente – impõe o relacionismo como base inexpugnável da teoria psicanalítica. É por este motivo que a linguagem machiana, digerida pela síntese metapsicológica, transformada e reelaborada, permanece até o fim ligada com a sua natureza, à síntese epistemológica freudiana. Cremos que esse elemento genealógico deverá adquirir todo o seu sentido de empreendimento, que precisa ser levado a cabo, de uma investigação global dos princípios e da lógica da metapsicologia freudiana. A

⁵⁸ Cf. ASSOUN, Paul-Laurent. p. 94-96.

filiação a Mach deve adquirir, nessa perspectiva, todo o seu sentido de revelador da identidade epistêmica freudiana, tal como ela se construiu historicamente tendo acesso à consciência de sua *diferença*. Se fica salva a paternidade freudiana, pelo menos ela tem que tolerar o apadrinhamento machiano⁵⁹.

Segundo Chemama,⁶⁰ Freud tinha o projeto que não conseguiu realizar por completo, o de dedicar à metapsicologia uma grande obra. Quando criou sua psicanálise por volta de 1890, Freud deparou-se com a crise marcada pela elevação do energetismo fenomenalista⁶¹ e, quando elaborou a metapsicologia, as idéias de Mach estavam no auge do cientificismo.

Para além de Mach, Freud estava preocupado também com o aspecto da fantasia. A derivação de conceitos metapsicológicos, baseada na analogia de Freud no início do texto *Pulsões e Destino das Pulsões* revelam a forma geral do trabalho do inconsciente, ou seja, de um conjunto de procedimentos que culminou num efeito de deformação.⁶² O trabalho teórico seria absorvido de uma lógica do inconsciente, cuja raiz seria o *phantasieren*. Freud manteve muita cautela em relação ao racionalismo e contra o irracionalismo, para que sua teoria não tivesse um teor de ficção fantasmática.

Em seu texto de 1895, o *phantasieren* limitava-se a encontrar analogias, transpor o racionalismo à maneira científica do saber. Com o conceito de pulsão de morte, em 1920, o *phantasieren* metapsicológico atingiu seu ponto máximo. O termo *phantasieren* utilizado por Freud, em seu texto de 1937, *Análise Terminável e Interminável*, remetia-o à especulação e a *theoriesieren*, o que não aconteceu em 1895.

⁵⁹ ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução à epistemologia freudiana**. p. 103.

⁶⁰ CHEMAMA, Roland. **Dicionário de psicanálise Larouse**. p. 136.

⁶¹ Energetismo fenomenalista é a doutrina pela qual a energia coloca-se, em detrimento da mecânica, como princípio explicativo para a física. Em Ostwald, a posição sugere uma forma nova de filosofia da natureza; em Mach, temos a abertura para uma espécie de positivismo. Cf. ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução à epistemologia freudiana**. p. 98.

⁶² FREUD usa a palavra deformação onírica àquilo que faz parecer estranho e não inteligível.

Freud justifica que:

Se nos perguntarem por quais métodos e meios esse resultado é alcançado, não será fácil achar uma resposta. Podemos apenas dizer: ‘So muss denn doch die hexe dran!’⁶³ – a metapsicologia da feiticeira. Sem uma especulação e uma teorização metapsicológica - quase disse ‘fantasiar’ – não daremos outro passo à frente. Infelizmente, aqui como alhures, o que a feiticeira nos revela não é muito claro nem muito minucioso.⁶⁴

É nesse sentido que ele faz um apelo à *feiticeira*, mesmo que esta não deixe muito claro seu ensinamento, pois a metapsicologia é a parte da psicanálise mais difícil de ser transmitida, por sua forma *sui generis* de ser construída.

Freud deixa-se levar por suas idéias tão longe onde elas o levem, dizendo:

Podemos ter dado um golpe de sorte ou havermo-nos extraviado vergonhosamente. Não penso que, num trabalho desse tipo, uma parte grande seja desempenhada pelo que é chamado de ‘intuição’. Pelo que tenho visto da intuição, ela me parece ser o produto de um tipo de imparcialidade intelectual. Infelizmente, porém, as pessoas raramente são imparciais no que concerne às coisas supremas, aos grandes problemas da ciência e da vida.⁶⁵

O momento do saber metapsicológico é aquele em que o *phantasieren* restringe-se e a subjetividade se impõe. Foi seguindo essa lógica que Freud foi ao fundo de sua investigação na racionalidade metapsicológica de sua descoberta. Ele iniciou a metapsicologia no primeiro ensaio sobre as *Pulsões e Destinos das Pulsões*, como uma introdução, forma encontrada para fazer uma revisão epistemológica. Procurou, nesse texto, dizer algo novo sobre a identidade epistêmica da psicanálise.

⁶³ Temos de chamar a feiticeira em nosso auxílio, afinal de contas! Goethe, Fausto, parte I, cena 6 em busca do segredo da juventude, busca de má vontade o auxílio da Feiticeira.

⁶⁴ FREUD, S. *Análise terminável e interminável*. p. 257.

⁶⁵ FREUD, S. *Além do Princípio do Prazer*. p. 80.

2.1 Dimensão tópica

Freud, diante da necessidade de representar o psiquismo como uma interação dinâmica de instâncias, com frequência intensamente conflitiva, propôs representar essas instâncias por um aparelho psíquico distribuído de forma espacial. Introduziu uma primeira tópica (1900), na qual as instâncias são: o inconsciente, a percepção-consciência e o pré-consciente.

Na abordagem metapsicológica encontra-se a elaboração de modelos teóricos que não estão diretamente ligados a uma experiência prática ou a uma observação clínica: ela se define pela consideração simultânea dos pontos de vista tópico, dinâmico e econômico. A tópica⁶⁶ psíquica teve sua origem em um contexto científico dentro da neurologia, psicofisiologia e psicopatologia, que predominaram no decurso da segunda metade do século XIX, onde se pretendia que tipos específicos de representação dependiam de suportes neurológicos rigorosamente localizados em determinada parte do córtex cerebral.

Naquele momento da construção metodológica, Freud transferiu o seu requisito epistemológico, que de início vinculava uma objetividade determinada em espacialização (espaço-corpo), para uma investigação freudiana do corpo ao aparelho psíquico. No início de sua teorização sobre o inconsciente, ele já o representava num esquema espacial.

⁶⁶ **Tópica** - O termo “tópica” significando teoria dos lugares (do grego *‘topoi’*) pertence, desde a antigüidade grega, à linguagem filosófica. Para os antigos e em especial para Aristóteles, os lugares constituem rubricas, de valor lógico ou retórico, de que são tiradas as premissas de argumentação.

- Teoria ou ponto de vista que supõe uma diferenciação do aparelho psíquico em certo número de sistemas dotados de características ou funções diferentes e dispostos numa certa ordem, uns em relação aos outros, o que permite considerá-los metaforicamente como lugares psíquicos de que podemos fornecer uma representação figurada espacialmente. (Laplanche e Pontalis Vocabulário da psicanálise, ed. Martins Fontes, 1992. p. 505.).

Seria mais difícil explicar concisamente como veio a acontecer que a psicanálise fizesse outra distinção no inconsciente e o separasse em um pré-consciente e em um inconsciente propriamente ditos. Basta dizer que pareceu ser um caminho natural complementar da experiência com hipóteses que estavam destinadas a facilitar o manuseio do material, e que estavam relacionadas com assuntos que poderiam não ser objeto de observação imediata. O mesmíssimo método é adotado pelas ciências mais antigas.

A subdivisão do inconsciente faz parte de uma tentativa de retratar o aparelho da mente como sendo constituído de grande número de instâncias ou sistemas, cujas relações mútuas são expressas em termos espaciais, sem, contudo implicarem qualquer ligação com a verdadeira anatomia do cérebro.⁶⁷

Freud descreveu esse ponto como o método topográfico de abordagem. A primeira dimensão tópica do aparelho psíquico está apresentada no capítulo VII de *A Interpretação de Sonhos* (Die Traumdeutung, 1900), mas, desde o *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), ele já a apresentava exposta no quadro neurológico de um aparelho neurológico. Já nos estudos sobre a histeria, a psique tornou-se manuseável e comparável a arquivos, lugares objetiváveis.

As dimensões constitutivas da metapsicologia estão sustentadas no processo psíquico nos modelos tópico, dinâmico e econômico sobre um único objeto: o inconsciente.

É no texto *O Inconsciente* que Freud enuncia:

Não será descabido dar uma denominação especial a essa maneira global de considerar nosso tema, pois ela é a consumação da pesquisa psicanalítica.

⁶⁷ FREUD, S. *Um estudo autobiográfico*. p.46.

Proponho que, quando tivermos conseguido descrever um processo psíquico em seus aspectos dinâmico, tópico e econômico, passemos a nos referir a isso como uma apresentação metapsicológica.⁶⁸

Esta seria a ordem da metapsicologia e a sua lógica como epistemologia freudiana. Foi pela sua ligação com a anatomia que Freud deu o primeiro passo no terreno da ciência, cujo trajeto o levou, como bom neurólogo, a descortinar a psicanálise de forma *sui generis*.

Na primeira visão freudiana, foi a observação da estrutura que forneceu a chave para a inteligibilidade do funcionamento psíquico. A técnica anatômica possibilitou não apenas uma melhor visão da materialidade, mas construir o objeto desejado. Para Freud, determinar uma questão consiste antes em formular a técnica, o que permitiu sua investigação e aquilo que moveu nele o interesse da verificação da sua teoria na clínica.

Fica esclarecido que a experiência freudiana tem a função de efetuar a passagem de um estado de observação a outro. O que fortalece a clínica freudiana, na prática da observação, é analisar o sintoma e, a partir daí, determinar a topologia do inconsciente.

Freud dedicou-se inteiramente à sua paixão: descobrir como funciona o aparelho psíquico esforçando-se em determinar em quais pontos dele ocorrem os vários processos mentais e, por meio da dimensão tópica, a forma de uma teoria do funcionamento mental. Foi quando apareceu a primeira figuração *tópica ternária*: o inconsciente, pré-consciente e consciente, que são divididos de acordo com sua função e o tipo de investimento energético, segundo Freud:

Chegamos à conclusão de que a repressão constitui essencialmente um processo que afeta as idéias na fronteira entre os sistemas *Ics.* e *Pcs.* (*Cs.*). Podemos fazer agora uma nova tentativa de descrever o

⁶⁸ FREUD, S. A **história do movimento psicanalítico**. p. 208.

processo com maiores detalhes. Aqui, a repressão só pode consistir em retirar da idéia da catexia (pré)-consciente que pertence ao sistema *Pcs*. A idéia, portanto, ou permanece não catexizada, ou recebe a catexia do *Ics*., ou retém a catexia do *Ics*. que já possuía. Assim, há uma retirada da catexia pré-consciente, uma retenção de catexia inconsciente, ou uma substituição da catexia pré-inconsciente por uma inconsciente. Notemos, além disso, que baseamos essas reflexões (por assim dizer, intencionalmente) na suposição de que a transição do sistema *Ics*. para o sistema seguinte não se processa pela efetuação de um novo registro, mas por uma modificação em seu estado, uma alteração em sua catexia.⁶⁹

Entre cada um desses sistemas, Freud situou censuras⁷⁰ que inibem e controlam a passagem de um para o outro.

À primeira hipótese, a topográfica, está estreitamente vinculada a de uma separação topográfica dos sistemas *Ics*. e *Cs*., e também a possibilidade de que uma idéia possa existir simultaneamente em dois lugares no mecanismo mental — na realidade, a possibilidade de que, se não estiver inibida pela censura, ela avançará regularmente de uma posição para outra, sem perder talvez sua primeira localização ou registro.⁷¹

Freud descreveu dois estados do ato psíquico: no primeiro, o ato psíquico é inconsciente e pertence ao sistema inconsciente; no segundo, se conseguir passar pela censura irá para o sistema consciente. Caso seja rejeitada a sua permissão, o ato psíquico ficará recalado, permanecendo inconsciente e, mesmo que consiga passar para o sistema consciente, ainda não será consciente, mas será capaz de se tornar consciente⁷².

⁶⁹ FREUD, S. **Topologia e dinâmica da repressão**. p. 207.

⁷⁰ O termo censura, como outras imagens de Freud (fronteiras), evidencia o aspecto espacial da teoria do aparelho psíquico, é também a função psíquica que impede a emergência dos desejos inconscientes na consciência, a não ser de forma disfarçada. A finalidade da censura é transvestir os conteúdos dos desejos inconscientes, para que não sejam reconhecíveis pela consciência. Na primeira tópica, ela se exerce nos limites dos sistemas, de um lado inconsciente, e do outro o pré-consciente. Todavia, deve-se notar que Freud também fala de censura entre pré-consciente e consciente. (Roland Chemama, *Dicionário de Psicanálise*, p.33).

⁷¹ FREUD, S. **Vários Significados de o Inconsciente. O ponto de vista topográfico**. p. 201.

⁷² Cf. FREUD. S. **O ponto de vista topográfico**. p. 199.

Toda a atividade psíquica parte de estímulos internos e externos. O aparelho psíquico pensado por Freud tinha uma extremidade sensitiva, onde se encontrava um sistema que receberia as percepções e uma extremidade motora que serviria de passagem para a motricidade. O processo psíquico em geral vai da extremidade perceptiva para a extremidade motora⁷³.

Freud esclareceu que a topologia psíquica nada tem a ver com a anatomia, porque ela efetua-se na recusa da localização anatômica. A hipótese topográfica está vinculada a uma separação topográfica dos sistemas Inconsciente e Consciente, e também, na possibilidade de que uma idéia possa existir simultaneamente em dois lugares no mecanismo mental e não pode ser separada de uma concepção *dinâmica*. Segundo LAPLANCHE e PONTALIS, Freud:

Mostra-se, no entanto, firmemente ligado ao que considera a originalidade da sua tentativa de tornar compreensível a complicação do funcionamento psíquico decompondo este funcionamento e atribuindo cada função em especial às diversas partes do aparelho, a noção de localização psíquica implica uma exterioridade das partes entre si e uma especialização de cada uma.⁷⁴

Por fim, Freud ainda comparou o aparelho psíquico com um aparelho ótico (um microscópio complexo, por exemplo), ao eliminar a noção de localização anatômica. Permanecendo no terreno psicológico, esclareceu o que ele entendia por lugar psíquico, ou seja, algo que corresponderia a um ponto desse aparelho em que a imagem se forma, mais do que suas peças materiais.

Sob o ponto de vista epistemológico, KAUFMANN salienta:

⁷³ Cf. FREUD, S. **A interpretação de sonhos: parte II**, p. 495.

⁷⁴ LAPLANCHE e PONTALIS. **Vocabulário da psicanálise**, p.507.

A construção tópica terá, portanto, o estatuto de uma construção auxiliar... quero dizer com isso que podemos dar livre curso às nossas hipóteses desde que conservemos nosso senso crítico e não tomemos os andaimes pelo próprio edifício. Precisamos apenas de representações auxiliares para nos aproximar de um fato desconhecido e, quanto mais simples e tangíveis elas forem, tanto melhor. Em suma, o essencial da construção tópica será figurar essa característica do aparelho psíquico: ser dotado de uma direção.⁷⁵

Parece ter ficado difícil para Freud a questão da a região anatômica e sua localização no sistema tópico. Sua pesquisa, no cerne da metapsicologia, acaba inconclusa, afirmando: “A atividade psíquica está ligada à função do cérebro como não se encontra a nenhum outro órgão”.⁷⁶

E continua:

Todas as tentativas para se adivinhar, a partir daí, uma localização dos processos psíquicos, todos os esforços para se pensar as representações como armazenadas em células nervosas e para se transpor às excitações sobre fibras nervosas fracassaram radicalmente. O mesmo destino seria reservado a uma teoria que tentasse reconhecer o lugar anatômico do sistema consciente da atividade consciente no córtex e situar os processos inconscientes nas partes subcorticais do cérebro.⁷⁷

Freud deixou aberta a dimensão tópica e por esta razão sua estrutura teórica ficou incompleta e sujeita a revisão, que foi elaborada a partir de 1920, o que não nos toca tratar neste tópico.

⁷⁵ KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**. p. 522.

⁷⁶ FREUD, S. **A história do movimento psicanalítico**. p. 200.

⁷⁷ FREUD, S. **Vários significados de ‘O Inconsciente’ – O ponto de vista topográfico**. p. 201

2.2 Da tópica à dinâmica

O ponto de vista dinâmico⁷⁸ corresponde à suposição de pulsões (forças psíquicas) básicas em conflito, como causas motoras originárias e primeiras do funcionamento da vida psíquica. Para Freud, as forças que caracterizam esse ponto de vista são análogas às forças que os físicos supõem agir sobre a matéria. Elas são tomadas como um fundamento estrutural ao qual se deve recorrer para organizar e relacionar os fatos, orientando a busca das explicações dos fenômenos observados.

O ponto de vista dinâmico figurava, pois, como um guia metodológico para buscar explicações que cobrissem as lacunas deixadas pelas teorias empíricas. A esse respeito, Freud declarou:

Enquanto a psicologia da consciência nunca foi além das seqüências rompidas que eram obviamente dependentes de algo mais, a outra visão, que sustenta que o psíquico é inconsciente em si mesmo, capacitou a Psicologia a assumir seu lugar entre as ciências naturais como uma ciência.⁷⁹

Seguindo a constituição lógica de seu objeto, o inconsciente, Freud introduziu, na dimensão psicológica, a tópica dinâmica e, naquele momento, entrou em contato com outro ramo científico, o da psicologia alemã. A partir de então, acrescentou à anatômica-tópica uma dimensão dinâmica vinda do modelo da psicologia alemã, principalmente por intermédio de Herbart.

A psicologia herbartiana abriu caminho para a construção freudiana, dando-lhe de empréstimo uma linguagem e um modelo. Freud assimilou a

⁷⁸ **Dinâmica** – Quantificação de um ponto de vista que considera os fenômenos psíquicos como resultantes do conflito e da composição de forças que exercem uma certa pressão, sendo essas forças, em última análise, de origem pulsional. Nos escritos de Freud, “dinâmico” qualifica sobretudo o inconsciente, na medida em que ele exerce uma ação permanente, exigindo uma força contrária, que exerce igualmente de forma permanente, para lhe interditar o acesso à consciência. (LAPLANCHE e PONTALIS. **Vocabulário da psicanálise**. p.119).

⁷⁹ FREUD, S. **Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise**. p.183.

inspiração herbartiana com precisão, porém não fez nenhuma referência a Herbart em toda sua obra.

A psicologia de Herbart apóia-se em uma metafísica e une-se a uma Teoria do Conhecimento. Para ele, o psiquismo constitui-se de uma maneira dinâmica quantificável em um campo de forças e oscilações suscetíveis de medida, que são as representações.

Para Herbart, pois, a intuição primeira do psiquismo consiste na idéia de uma *dinâmica qualificável*, ou seja, de um campo de forças e de oscilações susceptível de mais e de menos, de um escalonamento de graus precisos.

Todavia, por detrás dessa tese psicológica, oculta-se uma tese metafísica. A alma é representada como uma substância simples que tende a autoconservar-se: cada representação constitui um ato particular pelo qual a alma se conserva⁸⁰.

Em Herbart⁸¹, encontra-se uma física das representações, que tem por objeto o movimento ascendente e descendente das representações. Sob essa base é possível uma investigação que dependa da física e da lógica. A racionalidade freudiana, seguindo os passos da teoria herbartiana, da mesma forma, dependeria da física e da lógica para a construção metapsicológica, pois a vida psíquica também se apresentava como uma cadeia de representações.

No sistema dinâmico há uma comunicação entre os sistemas. Nas bases da atividade pulsional, os sistemas comunicam-se entre si mais extensivamente. Um determinado processo psíquico pertencente ao sistema inconsciente procura acesso à consciência em busca de satisfação. A censura que opera na passagem do inconsciente para o pré-consciente/consciente opõe-se a esse propósito. A razão da oposição é que a satisfação de um desejo inconsciente, que em si mesmo provocaria prazer, provoca desprazer,

⁸⁰ ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução à Epistemologia Freudiana**. p. 151.

⁸¹ ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução à Epistemologia Freudiana**. p. 152.

relativamente às exigências do pré-consciente/consciente, em decorrência de uma segunda censura entre os sistemas pré-consciente/consciente. O desejo tem de permanecer inconsciente podendo retornar sob a forma de sintoma ou, como diz Freud, procurar expressão através dos sonhos.

O sonho não se materializaria se o desejo pré-consciente não tivesse êxito em encontrar reforço de outro lugar. Do inconsciente, bem entendido. É minha suposição que um desejo consciente só consegue tornar-se instigador do sonho quando logra despertar um desejo inconsciente do mesmo teor e dele obter reforço. Segundo indicações provenientes da psicanálise das neuroses, considero que esses desejos inconscientes estão sempre em estado de alerta, prontos a qualquer momento para buscar o meio de se expressarem quando surge a oportunidade de aliarem a uma moção do consciente e transferirem sua grande intensidade para a intensidade menor desta última. Assim fica a aparência de que apenas o desejo consciente se haveria realizado no sonho, e só alguma pequena peculiaridade na configuração do sonho serve de indicador para nos colocar na pista do poderoso aliado oriundo do inconsciente.⁸²

É por esse mecanismo de recalque que a atividade do sistema inconsciente resulta em desprazer. No entanto, o que ficou recalcado persiste na procura de uma expressão consciente e o faz exercendo uma força constante sobre os conteúdos do pré-consciente/consciente com os quais ele possa estabelecer uma ligação a fim de escoar sua energia.

Garcia Roza⁸³ esclarece: “De um lado temos o desejo inconsciente procurando uma realização através do pré-consciente/consciente, de outro temos o pré-consciente/consciente se defendendo do caráter ameaçador do desejo recalcado”. Freud pensava em um critério que resolvesse o conflito entre os dois sistemas e, em sua opinião, a chave estava na teoria do recalque, pois o segundo sistema (pré-consciente/consciente) só pode investir uma representação se estiver em condições de inibir o desenvolvimento do prazer dela decorrente.

⁸² FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. p.505.

⁸³ ROZA, L. A Garcia. **Introdução à metapsicologia freudiana 3**. p. 174.

Sabe-se que a representação, para Freud, é um dos elementos do processo psíquico e o outro, o afeto, traduz a quantidade de energia pulsional. Isso quer dizer que Freud acrescenta aos fatos psíquicos da representação um elemento, o *affekt*, que permanece essencialmente representacional. O que se pode dizer é que o afeto, como representante da pulsão, possui tanto um aspecto quantitativo quanto um aspecto qualitativo, ou ainda, que ele pode ser tomado como expressão qualitativa da quantidade de excitação proveniente da fonte pulsional.

Freud diz que é justamente o ponto de vista dinâmico que propõe, no lugar de descrições, uma explicação dinâmica fundada sobre a interação das forças psíquicas que caracteriza a sua maneira de compreender os fatos psíquicos. Diz ele:

Buscamos não apenas descrever e classificar fenômenos, mas entendê-los como sinais de uma ação recíproca de forças na mente, como manifestação de intenções com finalidade, trabalhando concorrentemente ou em oposição recíproca. Interessa-nos uma *visão dinâmica* dos fenômenos mentais. Em nossa opinião, os fenômenos que são percebidos devem ceder lugar, em importância, a tendências que são apenas hipotéticas.⁸⁴

É a partir deste eixo metodológico que se organiza a concepção dinâmica, graças à sua mediação com a *Teoria Central do Conflito*. Freud descreve o inconsciente não mais conotando o inconsciente com o que está fora do campo da consciência (tópico), e sim, por meio de uma concepção dinâmica de idéias que possuem certo caráter dinâmico; idéias que continuam separadas da consciência a despeito de sua atividade e intensidade. Contudo, a dinâmica não rompe seu elo com o registro tópico, mas fica atrelada ao jogo de forças que se resolve numa relação de forças, o que leva à próxima dimensão: a econômica.

⁸⁴ FREUD, S. *Conferências Introdutórias sobre psicanálise*. p. 86-87.

2.3 Da dinâmica à econômica

Na abordagem econômica⁸⁵, Freud esclarece que o objetivo fundamental da atividade mental pode ser descrito qualitativamente como um esforço para obter prazer e evitar desprazer. Quando examinado sob esse ponto de vista, surge então, como tarefa, dominar as quantidades de excitação (massa de estímulos) que atuam no aparelho mental e em conter sua acumulação, capaz de gerar desprazer. Diz ele:

Sem dúvida, terão observado que, nessas últimas explicações, introduzi um fator novo na estrutura da série etiológica — ou seja, a quantidade, a magnitude das energias em questão. Ainda temos de levar em conta esse fator em tudo o mais. Não basta uma análise puramente qualitativa dos determinantes etiológicos. Ou, expressando-o de outra maneira, é insuficiente uma visão simplesmente *dinâmica* desses processos mentais; requer-se também uma linha de abordagem *econômica*. Devemos dizer para nós mesmos que o conflito entre duas tendências não irrompe senão quando foram atingidas determinadas intensidades de catexias, ainda que por muito tempo tenham estado presentes os fatores determinantes do conflito e referentes ao seu próprio tema. Da mesma forma, a significação patogênica dos fatores constitucionais deve ser avaliada em relação ao quanto mais de um instinto parcial, do que de outro, está presente na disposição herdada. Pode-se mesmo supor que a disposição de todos os seres humanos é qualitativamente semelhante e apenas difere em virtude dessas condições quantitativas.⁸⁶

Ao desenvolver a construção da concepção econômica na metapsicologia, Freud inspirou-se em vários mestres que contribuíram com o desenvolvimento da ciência no século XIX. Em Wundt, não só Freud, mas também a psicologia científica, estabeleceram algumas de suas bases no conceito de quantificação para a psicologia, porque procurava uma condição sólida para edificar o seu saber. E é no conceito de peso e medida que ela se

⁸⁵ **Econômica** – Qualifica tudo o que se refere à hipótese de que os processos psíquicos consistem na circulação e repartição de uma energia quantificável (energia pulsional), isto é, suscetível de aumento e diminuição de equivalências. (LAPLANCHE e PONTALIS. Vocabulário da psicanálise, p.121).

⁸⁶ FREUD, S. **Conferências introdutórias sobre a psicanálise**. p. 437.

funda. “Para Wundt a medida é possível como procedimento relativo na psicologia, como em toda ciência da natureza”.⁸⁷

À sua maneira, Freud também se reportou às virtudes do *quantum* para implicar os fenômenos psíquicos à dimensão econômica, e é atravessado por este requisito epistemológico da quantificação, como forma de demonstrar que no psiquismo não é só a pulsão que se faz representar, mas também o afeto se faz presente no inconsciente. Em seu artigo de 1894, *As Neuropsicoses de Defesa*, Freud tentou distinguir as propriedades de uma quantidade (quota de afeto – soma excitatória) embora sem meios de medi-las. Sabe que algo é capaz de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, que se transmitem pelas marcas mnêmicas das representações. Já nos *Estudos Sobre a Histeria*, o “afeto” é entendido quase como sinônimo de “investimento”, pois se trata de um afeto que ao invés de ser descarregado permanece ligado a uma representação.

Vinte anos mais tarde, Freud deu uma concepção próxima dessa, em seu artigo *O Recalque* (1915), em que se referiu à representação como investida a partir da pulsão com um quantum de energia psíquica e que ele denominou de *quantum de afeto e soma de excitação*. Embora os termos empregados por Freud apareçam como sinônimos, seus significados são diferentes, pois ambos dizem respeito ao fator quantitativo utilizado na sua hipótese econômica. Enquanto a *soma de excitação* marca a origem da quantidade, *quantum de afeto* refere-se ao fator intensivo, capaz de destacar-se da representação e encontrar caminhos diferentes desta última. Ambos tratam de noções muito mais intensivas do que quantitativas, e é com este caráter intensivo que a noção de afeto apareceu em seus textos da metapsicologia, de 1915.

⁸⁷ ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução à epistemologia freudiana**. p. 169.

A diferenciação entre afeto e soma de excitação parece ficar mais clara no artigo *O Inconsciente*. Entretanto, o que se pode entender é que o afeto, como representação da pulsão, possui tanto um aspecto quantitativo como um qualitativo.

Nas palavras de Freud, a economia consiste:

Levando esse curso em conta na consideração dos processos mentais que constituem o tema do nosso estudo introduziremos um ponto de vista econômico em nosso trabalho, e se, ao descrever esses processos, tentarmos calcular esse fator 'econômico' além dos 'topográficos' e 'dinâmicos', estaremos penso eu, fornecendo deles a mais completa descrição que podemos atualmente conceber, uma descrição que merece ser distinguida pelo nome de metapsicologia.⁸⁸

A Fechner, Freud dedicou seu reconhecimento já no início de seu trabalho teórico em *Além do Princípio do Prazer*, por meio das seguintes palavras:

Não podemos, entretanto, permanecer indiferentes à descoberta de um investigador de tanta penetração como G. T. Fechner que sustenta uma concepção sobre o tema do prazer e do desprazer que coincide em todos os seus aspectos essenciais com aquela a que fomos levados pelo trabalho psicanalítico.⁸⁹

Fechner também teve uma forte influência na psicologia científica dos anos 80 (século XIX), quando estabelecida a relação constante e matematizada entre um dado físico e um fenômeno psíquico.

Os princípios fundamentais da energética freudiana vêm de empréstimo direto da energética fechneriana. No projeto de 1895, Freud estabeleceu um princípio denominado *princípio de inércia neurótico* em que o organismo aparece como um sistema físico de energia livre, segundo o qual os neurônios tendem a desembaraçar-se das quantidades. Esta noção pertence ao período

⁸⁸ FREUD, S. *Além do princípio de prazer*. p. 17.

⁸⁹ FREUD, S. *Além do princípio de prazer*. p. 18.

de elaboração da concepção freudiana do aparelho psíquico. Na metapsicologia, Freud não retomou mais esta expressão. A noção de princípio de inércia ajudou Freud a concretizar o sentido dos princípios fundamentais que regulam o funcionamento do aparelho psíquico.

Freud postula também a *lei de constância*, que quer dizer que o aparelho psíquico mantém constante ou tão baixo quanto possível a quantidade de excitação nele presente, o que em certo sentido vem opor-se ao *princípio de inércia*. O princípio de constância está na base da teoria econômica e estreitamente relacionado com o princípio de prazer, na medida em que o desprazer pode ser considerado, numa perspectiva econômica, como a percepção subjetiva dessa tensão. Porém, Freud considerou complexa a relação entre as sensações subjetivas de prazer-desprazer e os processos econômicos que lhes servem de substrato, pois a sensação de prazer pode acompanhar um aumento de tensão.

O princípio de constância faz parte do aparelho teórico elaborado por Freud, em comum com Breuer, por volta dos anos de 1892-95, com a intenção de explicar os fenômenos por eles verificados na histeria, porém em cada um deles há uma nítida diferença de perspectiva⁹⁰.

Para Freud, o *princípio de inércia* está em reger o tipo de funcionamento primário do aparelho, a circulação da energia livre e a lei de constância. Mesmo não sendo enunciada como um princípio, corresponde ao processo secundário, em que a energia é ligada e conservada a um determinado nível. Somente em 1920, em *Além do princípio do prazer*, Freud formulou explicitamente um *princípio de constância* apresentado como o fundamento econômico do princípio de prazer. Encontra também, em Fechner, uma antecipação da teoria do sonho e do inconsciente desenvolvendo-se,

⁹⁰ Cf. FREUD, S. **Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos**. p. 37.

principalmente, nas considerações sobre o prazer e desprazer, que se encontram relacionados com a Lei da Constância.

Em 1924, Freud escreveu o *Problema Econômico do Masoquismo* e apresentou o princípio que dominou todos os processos psíquicos como um caso particular daquilo que Fechner chamou de *Tendência à Estabilidade*. Todavia, percebe-se que Freud apoiou-se em pontos importantes das idéias de Fechner na continuidade da sua *dimensão econômica*.

Junto com Fechner, Helmholtz entra no cenário com o mesmo prestígio, pois é o homem que sela a união da psicologia com a neurologia, a qual Freud adere como modelo epistemológico no horizonte científico.

É pelas idéias de Robert Mayer, médico-físico, em seu discurso sobre a força e traduzindo-as por energia encontrada em todos os fenômenos físicos e nas matérias, que a dinâmica duplica a mecânica, sem excluí-la. Esta revolução foi introduzida por Mayer e o energitismo ganhou seu lugar no final do século XIX. É dessa fonte que se pode situar a dinâmica energética de Helmholtz, que Freud tinha como ídolo. Helmholtz, no entanto, superou a intenção mayeriana sobre causalidade.

Os trabalhos de Mayer e de Helmholtz representam duas versões do energetismo. O projeto de Mayer é de assegurar a promoção epistemológica da noção de força, que é explicitamente imposta pelo princípio de causalidade. Helmholtz, por sua vez, apresenta uma tese sobre a conservação da força em dois tipos de força que são denominadas de força viva e forças de tensão. Mayer e Helmholtz influenciaram o modelo freudiano da esfera fenomenal e fisiológica sob a esfera psicológica, dentro dessa perceptiva de forças vindas da física e da fisiologia. Freud já figurava este esquema energético no projeto de 1895 como imagem da marca da psicanálise.

Em 1910, Freud recebeu um convite de um famoso químico chamado Ostwald, que o deixou muito lisonjeado pelo seu reconhecimento em colaborar com um artigo em sua revista. Porém, Freud nunca escreveu tal artigo. Ostwald foi o consagrado teórico do energetismo, na mesma época em que Freud terminou sua teoria do sonho. Este famoso químico abriu, no cenário científico, a consciência dos sábios, evidenciando uma concepção de mundo, não mais da mecânica clássica, e sim, da era da energia, em que esta vale como o elemento essencial de todas as coisas reais e concretas. A noção de energia serviu para explicar tudo o que outrora fora explicado pelas noções de força e matéria e foi a grande contribuição histórica de Ostwald à ciência.

Freud e Breuer podiam reconhecer esse energetismo nos seus esquemas de explicação do psiquismo. Esta forma de representação da energia, na análise do sonho, pelo processo de deslocamento e condensação, traduz a concepção econômica da investigação metapsicológica do inconsciente num caráter energético.

Freud teve várias razões para prestigiar os trabalhos realizados por Ostwald, mas em nenhum momento colocou a psicanálise sob o patrocínio do energetismo ostwiano. A prova disso é que ele refere-se a processos atuando no psiquismo e não somente a energia. A energia freudiana possui uma característica cujo aspecto qualitativo constitui-se de um processo mecânico quantitativo e o energetismo fornece, à construção metapsicológica, sua dimensão econômica, articulada com as dimensões dinâmica e tópica. O percurso dos processos inconscientes, porém, jamais serviu de doutrina energética para Freud.

Freud trabalhou a metapsicologia a partir das três perspectivas: a dinâmica, a tópica e a econômica, como forma de distinguir claramente a psicanálise das outras psicologias. Para ele, foi preciso superar a consciência para fundar o psíquico no inconsciente, criticando, porém, as psicologias

clássicas fundamentadas somente no comportamento. Assim, sua reflexão original sobre o sujeito inaugurou uma nova vertente no pensamento moderno. Seria preciso ir além da psicologia e realizar um percurso que transcendesse o comportamento e a consciência, para encontrar o funcionamento pulsional do sujeito. Eis sua *psicologia das profundidades*.

3 INSCRIÇÕES PULSIONAIS: HORIZONTE DO INDIZÍVEL

"A teoria das pulsões, é por assim dizer, nossa mitologia. As pulsões são entidades míticas, magníficas em sua imprecisão".

Freud

Neste capítulo, apresentaremos de que modo a noção de pulsão propiciou a evolução da teoria psicanalítica de uma forma geral. Evidenciaremos o percurso da noção de pulsão desde sua primeira concepção, quando era similar à noção de instinto, até seu último desdobramento, quando Freud a conceituou como pulsão por meio da dualidade: pulsão de vida e pulsão de morte.

A idéia de pulsão é um componente novo no modo de entender a psique humana, pois está em um ambiente diferente das demais categorias utilizada até então. A pulsão não pode ser tratada nos meandros da linguagem, pois antecede a tudo que é lingüístico.

O termo *trieb*⁹¹ (pulsão) apareceu nos textos freudianos de 1905, nos *Três ensaios para uma teoria da sexualidade*. Desde os primórdios das

⁹¹ **Trieb, (Pulsão)** A palavra alemã era empregada há séculos, na língua corrente, bem como na linguagem comercial, religiosa, científica e filosófica. Estes usos variados se fertiliza mutuamente, dotando o termo de uma ampla gama de sentidos, os quais, contudo, não aparecem em atuais dicionários. Para melhor cercar o termo em seu colorido e polissemia, vale uma breve consulta ao monumental dicionário *Deutsches Wörterbuch*, um sucesso editorial na época de Freud. Na linguagem literária e filosófica no século XVI, aparece na acepção de propulsor externo, significando “estímulo” (Reitz), ou no sentido de compulsão/coerção (Zwang), ou ainda como princípio maior, *Instintos Divinus*, referindo-se em geral a elementos que são internalizados na acepção de força motriz interna aparece como *Drang* (ânsia, vontade, pressão, necessidade) *Lust* (prazer-vontade) e *Energie* (energia). Pode referir-se a uma força interna indefinida que tem efeito em geral espontâneo. Pode ter o sentido

elaborações freudianas, pode-se encontrar uma noção energética seguindo as linhas de seu pensamento, resultando assim na construção do conceito de *trieb*. Esse conceito tem sua base na antiguidade, sobretudo do estoicismo⁹² e na esteira da teoria da termodinâmica (a posição entre a energia livre e a energia ligada), com Helmholtz. Como já vimos anteriormente, é somente sob o domínio psicológico, que a noção é chamada a designar um princípio de ação independente da vontade.

A pulsão foi desenhada por Freud no horizonte do discurso psicanalítico, aquém do inconsciente e do recalque, escapando à trama da linguagem e da representação e marca o limite do discurso conceitual. Freud, em seu artigo *A pulsão e suas vicissitudes*, 1914-1916, adverte que o conceito de pulsão é um *Grundbegriff*, isto é, um conceito fundamental. Em uma nota de rodapé acrescentada no artigo (5) *Pulsões parciais e zonas erógenas*, informa que “a teoria das pulsões é a parte mais importante da teoria psicanalítica, embora, ao

de um Drang (ânsia, pressão) com um objetivo definido. Apenas a título de menção, fica adiantado que há uma relação entre *Trieb*, estímulo (*Reitz*), pressão (*Drang*), prazer-vontade (*Lust*) e coerção-compulsão (*Zwang*), idéia/representação (*Vorstellung*). Também se pode notar, no emprego corrente, a concepção de pulsão como algo rigoroso e energético – seu caráter indefinível e absoluto e seu caráter oscilante entre prazer e o desprazer. Na língua alemã, bem como no texto de Freud, *Trieb* pode manifestar genericamente como uma Grande força que Impele ou Princípio da Natureza (em Freud, pulsão de vida, de morte, etc). Finalmente, *Trieb* pode aparecer como manifestação dessa força que impele na esfera do indivíduo. A força impelente e motivadora (*Trieb*) brotará no indivíduo como fenômeno somático-energético. É descrita por Freud como: a) fenômeno fisiológico que envolve os neurônios, nervos, fontes pulsionais situadas em glândulas, etc. e b) como processo energético-econômico onde está em jogo o acúmulo de energia, a circulação e a descarga. (Luiz Hanns, 1999, *Imago, A teoria pulsional na clínica de Freud*).

⁹² **Estoicismo** - Doutrina filosófica fundada no século III a.C. por Zenão de Cítio, propõe uma vida de indiferença em relação a tudo o que é exterior ao ser. A ligação da *Pulsão* com o estoicismo remete ao que o naturalismo estóico implica, num conhecimento da natureza susceptível de fundamentar uma sabedoria. A *Pulsão* reflete o bem-dizer da invenção artística, da criação literária, da fundação do saber subjetivo em ato poético. Na verdade, estamos falando de uma erótica, de uma energia pulsional mais radical e própria do falante. Erotização, em potência, do sintoma humano em sua relação estética com o mundo. Os modelos da física e da termodinâmica são uma permanente tentação explicativa. É o momento dos opostos, dos antagonismos, da contraposição causa-efeito, do verdadeiro e do falso. Os pares dicotômicos a partir dos quais se organiza o pensamento da época penetram nos redutos mais íntimos da subjetividade (Ferrater Mora, p. 575.).

mesmo tempo, a menos completa".⁹³ Alguns comentadores de Freud entenderam que o estatuto metafísico da pulsão seria o responsável pela falta de acabamento da teoria. Nesse sentido, diz Garcia Roza:⁹⁴

Tal como os anjos ou demônios, a pulsão seria inabordável pela ciência. Apesar de tocar num ponto importante da questão, essa interpretação comete um engano fundamental: em nenhum momento Freud se propõe a estabelecer o estatuto metafísico da pulsão; aquilo de que ele nos fala é do conceito de pulsão, isto é, de uma ficção teórica e não de uma entidade que possua realidade ontológica. Podemos concordar que este conceito tem como referência o corpo, mas isto não significa que designe uma parte do corpo ou que possa ser identificado a uma substância determinada que tenha escapado ao olhar da ciência.

Breuer⁹⁵ elaborou a distinção entre a energia *tônica* e a energia *livre*, porém essa conceituação não faz nenhuma referência à sexualidade. Coube a Freud fazer essa especificação como pulsão sexual. Ele teve o interesse em conceituar pulsão para especificar a pulsão sexual e relacioná-la à energia própria da libido, distinta da pulsão do *eu* ou de *conservação*, em que fontes internas constantemente produzem excitações, das quais o organismo não pode fugir. Desta maneira, o aparelho psíquico é impulsionado a funcionar. Freud elaborou e desenvolveu o conceito de pulsão e nunca mais abandonou seu uso.

São suas palavras:

⁹³ FREUD, S. **Um caso de Histeria e três ensaios sobre a sexualidade**. p. 158.

⁹⁴ ROZA-GARCIA, L. A. **Acaso e repetição em psicanálise**. p. 11-12.

⁹⁵ **Breuer, Josef**. Médico e fisiologista austríaco, nasceu a 15 de janeiro de 1842 e faleceu a 20 de dezembro de 1925, em Viena. Seu primeiro trabalho importante foi publicado em 1868. Com Ewald Hering, um professor de fisiologia da escola de medicina militar de Viena, demonstrou a natureza reflexa da respiração. Foi o primeiro exemplo de um mecanismo autônomo no sistema nervoso dos mamíferos, diferente da visão que os cientistas tinham da relação entre o sistema nervoso e os pulmões. O mecanismo é ainda hoje conhecido como reflexo de Hering-Breuer.

Sob o conceito de pulsão podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um conceito da limitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita a vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus alvos. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico⁹⁶.

A pulsão, para Freud, tem quatro características fundamentais: a fonte, a pressão, o objeto e o alvo. Dessa maneira estava esboçada a primeira formulação da teoria das pulsões. Para Freud, o conflito psíquico está ancorado num dualismo que, naquele momento, foi postulado como *pulsões sexuais* e *pulsões de autoconservação*, que estariam em oposição, produzindo o conflito. As pulsões de autoconservação seriam responsáveis pela manutenção das funções vitais, indispensáveis à conservação do indivíduo.

Como exemplo de pulsão de autopreservação, poderíamos citar a fome, que teria como decorrência a função de alimentação. As pulsões sexuais seriam as ligadas a objetivos diferentes dos de manutenção da vida, no sentido biológico do termo. Seus objetivos seriam a satisfação de um estímulo gerado em uma ou mais partes do corpo, sendo, portanto, objetivos sempre parciais.

Para Freud, esse dualismo pulsional ocorre nas próprias origens da sexualidade. A pulsão sexual nasce destacando-se das funções de autoconservação, eis sua *noção de apoio*.⁹⁷ Segundo os comentadores da

⁹⁶ FREUD, S. **Um caso de histeria e três ensaios sobre a sexualidade**. p. 157-158.

⁹⁷ **Apoio**: termo introduzido por Freud para designar a relação primitiva das pulsões sexuais com as pulsões de autoconservação; as pulsões sexuais, que só secundariamente se tornam independentes, apóiam-se nas funções vitais que lhes fornecem uma fonte orgânica, uma direção e um objeto. Em conseqüência, fala-se também de apoio para designar o fato de o sujeito se apoiar sobre o objeto das

psicanálise, Laplanche e Pontalis, a noção de apoio não ficou bem esclarecida na obra de Freud, pois seu sentido principal é o estabelecimento de uma relação e de uma oposição entre as pulsões sexuais e as de autoconservação. Nesse sentido, dizem:

A própria idéia de que originariamente as pulsões sexuais tomam das pulsões de autoconservação as suas fontes e os seus objetos implicam que existe uma diferença de natureza entre as duas espécies de pulsões; as primeiras encontram todo o seu funcionamento predeterminado pelo seu aparelho somático, e o seu objeto é imediatamente fixado; as segundas, pelo contrário, definem-se em primeiro lugar por um certo modo de satisfação que de início, não passa de um ganho obtido à margem (*Lustnebengewinn*) do funcionamento das primeiras. Essa diferença essencial é atestada em Freud pelo emprego repetido, para falar das pulsões de autoconservação, de termos como *função* e *necessidade*.⁹⁸

Nos *Três ensaios* há uma menção a essa noção, quando Freud descreve o auto-erotismo:

A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem a preservação da vida, e só depois se torna independente dela. No mesmo parágrafo diz ainda: “a necessidade de repetir a satisfação sexual dissocia-se então da necessidade de absorção do alimento”.⁹⁹

Quando Freud propôs a *noção de apoio*, fez aparecer uma distinção: de um lado, as pulsões sexuais e, de outro, as de autoconservação. Nessas pulsões ele empregou sempre o termo *necessidade* para designar a função, dando possibilidade de fazer uma aproximação desta pulsão com o instinto.

pulsões de autoconservação na sua escolha de um objeto de amor; é a isso que Freud chama tipo de escolha de objeto por apoio. (Laplanche e Pontalis, p.30).

⁹⁸ LAPLANCHE e PONTALIS. **Vocabulário da Psicanálise**. p. 32.

⁹⁹ FREUD, S. **A sexualidade infantil**. p. 170.

Já para a pulsão sexual, não há um objeto específico. Sua fonte é corporal, nasce apoiada no instinto, mas não se confunde com ele. Seu objetivo não é a manutenção da vida, no sentido biológico da expressão, e com isso, a pulsão sexual escapa do reino das necessidades determinadas por esse campo, o que fica mais explícito na fase do auto-erotismo.

Desde o início, em seu trabalho de conceituação, Freud procurou dar conta de três tarefas, que são:

1. Formular um modelo de funcionamento psíquico;
2. Estabelecer as bases fisiológicas do psiquismo;
3. Situar os fatores biológicos do comportamento.

É da clínica que Freud partiu para fornecer o conceito abrangente de *Trieb*, mas sua intenção esbarrou em dificuldades metodológicas e em limites científicos. No momento em que escrevia *O projeto (1895)*, Freud mostrava-se ambicioso. A pulsão era, às vezes, designada como estímulo endógeno, o que mais tarde foi abandonado. Ele suspendeu a pretensão de estabelecer bases de uma fisiologia das pulsões, entretanto, em sua obra, manteve um modelo energético-econômico com o pressuposto de que há uma inter-relação entre o que ocorre no sistema nervoso e a percepção psíquica. Mesmo assim, não bastava apenas que a fisiologia pulsional e a psique se relacionassem entre si. Elas deveriam corresponder a determinantes situados na biologia das espécies, e, para tal, cada pulsão corresponderia a uma finalidade biológica da espécie.

Foi então que Freud utilizou os conceitos de pulsão de autoconservação e pulsão sexual. Foi um desafio encontrar uma conceituação de pulsão que satisfizesse as exigências da psicanálise, da fisiologia e da biologia, e isso o levou a reformular várias vezes sua teoria pulsional.

Mesmo sentindo dificuldade em dar um conceito à pulsão, Freud manteve seu modelo dualista. O que o moveu foi explicar a raiz do conflito psíquico, procurando encontrar na forma mais irreduzível, manifestada como um combate de dois princípios. Sua busca foi em função de estabelecer uma teoria pulsional geral, para ser aplicada a todos os seres vivos, algo paralelo a uma biologia unificada.

Freud encontrou um modelo que se consolidou como hipótese definitiva, duas pulsões básicas e irreduzíveis, subjacentes a todo o indivíduo: princípio das pulsões de vida e princípio das pulsões de morte. Essa hipótese aparece para ele como fundamental, capaz de abarcar o seu construto teórico, com alto alcance explicativo e de grande utilidade clínica.

Apesar do apoio buscado na biologia, não se assenta totalmente sobre a biologia ou a fisiologia a teoria pulsional freudiana:

Tento em geral manter a psicologia isenta de tudo que lhe seja diferente em natureza, inclusive das linhas biológicas de pensamento. Por essa mesma razão, gostaria, nessa altura de admitir expressamente que a hipótese de instintos (*triebe*) do ego e instintos sexuais separados (isto é, a teoria da libido) está longe de repousar inteiramente numa base psicológica, extraindo seu principal apoio da biologia. Mas serei suficientemente coerente [com minha norma geral] para abandonar essa hipótese, se o próprio trabalho psicanalítico vier a produzir alguma outra hipótese mais sutil sobre os instintos (*triebe*). Até agora isto não aconteceu... Visto não podermos esperar que outra ciência nos apresente as conclusões finais sobre a teoria dos instintos, é muito mais objetivo tentar ver que luz pode ser lançada sobre esse problema básico da biologia por uma síntese dos fenômenos psicológicos.¹⁰⁰

Assim, a teoria pulsional de Freud, além do mundo psíquico da esfera fisiológica e do patamar biológico das espécies, abrange uma dimensão mais geral das leis da vida (morte), dos sentidos irreduzíveis e últimos das pulsões. Com sua teoria pulsional, Freud forneceu um modelo de orientação para o

¹⁰⁰ FREUD, S. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. p. 95.

trabalho da clínica, com a pretensão de dar conta das três tarefas citadas anteriormente. Esta pretensão fez parte de seu aporte científico da época, e também, era necessária para dar força e relevância ao seu novo campo de conhecimento que estava sendo inaugurado: *a metapsicologia*.

Na ausência total de qualquer teoria dos instintos (*triebe*) que nos ajude a encontrar nossa orientação, podemos permitir-nos, ou antes, cabe-nos começar por elaborar alguma hipótese para a sua conclusão lógica, até que ela ou se desintegre, ou seja, confirmada.¹⁰¹

Freud trata da amplitude conceitual do termo pulsão ao longo de sua obra não como um conceito vago, mas em diversos momentos nas suas manifestações específicas tanto na clínica, como na fisiologia, na psique, na biologia e na cultura. É da posição de uma psique que se situa entre a biologia e a cultura que Freud irá sempre tratar.

Contudo, quem se dedica à construção de hipóteses científicas só pode começar a levar suas teorias a sério se elas se adaptam em mais de uma direção ao nosso conhecimento e se a arbitrariedade de um constructo *ad hoc* pode ser mitigada em relação a elas.¹⁰²

A segunda formulação de Freud sobre o dualismo pulsional, *pulsões sexuais versus pulsões do ego*, aconteceu entre 1910 e 1914.¹⁰³ As pulsões do ego seriam aquelas cuja energia estaria colocada a serviço do ego, no conflito defensivo e contra as sexuais. Nelas estão englobadas as de autoconservação. Neste período, Freud ainda considera a noção de *apoio* das pulsões sexuais sobre as do ego. No nível biológico, ele considera que as pulsões do ego são as de conservação de si mesmo, porque o ego é a instância psíquica que se ocupa da conservação do indivíduo. No sentido do

¹⁰¹ FREUD, S. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. p. 94.

¹⁰² FREUD, S. **Projeto para uma psicologia**. 1895, p. 412.

¹⁰³ Segundo alguns comentadores, este dualismo vai até 1919, mudando apenas em *Mais Além do princípio de prazer*.

funcionamento psíquico, Freud mostra que essas pulsões funcionam segundo o *princípio de realidade*.¹⁰⁴

Este é um marco teórico importante porque aponta a transição para uma outra postulação das pulsões. No seu texto *Introdução ao Narcisismo (1914)*, Freud defendeu o dualismo pulsional para não cair em uma perspectiva monista que se aproximasse da idéia junguiana de libido originária, ao mesmo tempo em que percebeu que as pulsões do ego introduzem uma ambigüidade: são tendências que emanam do ego e que visam objetos externos, tais como fome e amor, mas também são pulsões ligadas ao ego e podem tomá-lo como objeto.

As catexias de energia que o ego dirige aos objetos de seus desejos sexuais, nós as denominamos 'libido'; todas as outras catexias, emanadas dos instintos de autopreservação, denominamos 'interesse'. Traçando a trajetória das catexias libidinais, com suas transformações e vicissitudes finais, podemos obter uma primeira compreensão interna (*insight*) dos mecanismos das forças mentais.¹⁰⁵

Freud tentou resolver esta ambigüidade postulando que a energia das pulsões do ego não é libido, mas interesse. Assim, afastou a sua teoria das concepções puramente biológicas, colocando-a no domínio do psíquico.

O valor dos conceitos 'libido do ego' e 'libido do objeto' reside no fato de que se originam do estudo das características íntimas dos processos neuróticos e psicóticos. A diferenciação da libido numa espécie que é adequada ao ego e numa outra que está ligada a objetos, é o corolário inevitável de uma hipótese original que

¹⁰⁴ **Princípio de realidade:** um dos dois princípios que , segundo Freud, regem o funcionamento mental. Forma par com o princípio de prazer e modifica-o; na medida em que consegue impor-se como princípio regulador, a procura da satisfação já não se efetua pelos caminhos mais curtos, mas faz desvios e adia o seu resultado em função das condições impostas pelo mundo exterior. Encarado do ponto de vista econômico, o princípio de realidade corresponde a uma transformação da energia livre em energia ligada; do ponto de vista tópico, caracteriza essencialmente o sistema pré-consciente-consciente; do ponto de vista dinâmico, a psicanálise procura basear a intervenção do princípio de realidade num certo tipo de energia pulsional que estaria mais especialmente a serviço do ego. (Laplanche e Pontalis, p. 368).

¹⁰⁵ FREUD. S. **Conferência XXVI. A Teoria da Libido e o Narcisismo.** p. 483-484 .

estabelecia distinção entre os instintos sexuais e os instintos do ego. Seja como for, a análise das neuroses de pura transferência compeliu-me a fazer essa distinção, e sei apenas que todas as tentativas para explicar esses fenômenos por outros meios foram inteiramente infrutíferas (...) existem vários pontos a favor da hipótese de ter havido desde o início uma separação entre os instintos sexuais e os outros, instintos do ego, além da utilidade de tal hipótese na análise das neuroses de transferência. Admito que somente essa segunda consideração não seria destituída da ambigüidade, portanto poderia tratar-se de uma energia psíquica indiferente que só se torna libido através do ato de catexização de um objeto. Mas em primeiro lugar, a distinção feita nesse conceito corresponde à distinção popular comum entre a fome e o amor.¹⁰⁶

A formulação do conceito de *narcisismo* levou Freud a propor a existência de uma fase intermediária entre o auto-erotismo e o amor objetal na evolução da libido: a fase do narcisismo. Nesta, um novo ato psíquico veio dar forma ao auto-erotismo, fundando um EU. Assim, as pulsões sexuais, antes funcionando de modo anárquico, passaram a operar de modo integrado. Com isso, os objetos da pulsão passaram a ser ou o ego ou o objeto externo. Há um movimento dessa libido com o conflito pulsional que, na segunda teoria das pulsões, fica entre a *libido do ego* e a *libido do objeto*.

Freud pensou o narcisismo como uma operação psíquica onde as pulsões, até então dispersas e satisfazendo-se auto-eroticamente, são reunidas em prol da unificação de uma imagem corporal, fundando a instância psíquica conhecida como ego. Este processo é possível devido ao enamoramento do sujeito por sua imagem corporal; seu próprio ego torna-se alvo da libido. Tal concepção, contudo, provoca um impasse na distinção pulsional entre pulsões do ego e pulsões sexuais, pois Freud tomava as primeiras como dessexualizadas, tendo como pólo de origem o próprio ego. Monzani nos esclarece que:

Foi a partir da introdução do conceito de narcisismo que a distinção anterior se viu ameaçada, já que a distinção entre pulsões sexuais e

¹⁰⁶ FREUD, S. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. p. 94.

pulsões do ego se encontra obscurecida na medida em que o ego é também investido libidinalmente. A rigor, tudo indica que nesse momento seria mais correto falar em libido do ego e libido objetal. O dualismo está evidentemente esfumando-se, pois o ego é agora o grande reservatório da libido, a partir do qual a libido é enviada para os objetos e pode também refluir deles no ego. Por conseguinte, é preciso confessar que as pulsões de autopreservação também são de natureza libidinal, são pulsões sexuais que, em vez de objetos externos, haviam tomado o próprio ego do sujeito como objeto.¹⁰⁷

A saída encontrada por Freud foi pensar o ego como o reservatório da libido, isto é, uma instância que é alvo da pulsão sexual, mas que não é sua sede. Portanto, o psiquismo pode ser visto como uma balança energética, onde a libido encontra-se num constante movimento entre o ego e o mundo objetal. Freud criou os termos *narcisismo primário* e *narcisismo secundário* para descrever estas idas e vindas da libido. No primário, apenas ao tomar a si mesma como objeto de amor, através da reunião da libido em torno do ego, a criança será capaz de, posteriormente, dirigir a libido para os objetos. O narcisismo primário é descrito por Freud como um estado de onipotência narcísica, onde a criança nutre a ilusão de ser protagonista de toda a realidade à sua volta.

O narcisismo secundário, por sua vez, representa refluxo da libido para o ego, mas somente após sua passagem pelos objetos. Ou seja, a partir do narcisismo primário, o sujeito é capaz de enviar a libido para o mundo externo e, ao retornar, traz consigo uma representação do mundo externo com a qual se deparou. “O narcisismo do ego é, assim, um narcisismo secundário, que foi retirado dos objetos.”¹⁰⁸ Desta forma, pode-se pensar o narcisismo secundário como uma etapa crucial no desenvolvimento do ego. É o momento em que o sujeito é capaz de representar a realidade à sua volta; e a fantasia é o território onde tal representação reside, alvo da regressão da libido.

¹⁰⁷ MONZANI. Luiz Roberto. **Freud O movimento de um pensamento.** p. 145-146.

¹⁰⁸ FREUD. S. **As duas classes de instintos.** p. 62.

Freud faz porém uma ressalva com relação aos estados patológicos, como é o caso da parafrenia¹⁰⁹. Coloca que, nestes casos, a libido é desvinculada do mundo externo sem que haja esta representação do mundo no aparelho psíquico, segundo suas palavras:

Com o parafrênico a situação é diferente. Ele parece realmente ter retirado sua libido de pessoas e coisas do mundo externo, sem substituí-las por outras na fantasia. Quando realmente as substitui, o processo parece ser secundário e constituir parte de uma tentativa de recuperação, destinada a conduzir a libido de volta a objetos.¹¹⁰

Desta forma, pode-se pensar no narcisismo primário como a primeira operação narcísica, o processo pelo qual a libido, até então disposta auto-eroticamente, é reunida para poder dirigir-se ao mundo objetal. E o narcisismo secundário é a introversão da libido rumo ao ego, mas com a introjeção dos objetos de interesse da libido. Se, com o narcisismo primário, surge a noção de ego, com o narcisismo secundário surge a questão da fantasia.

Assim, mais do que uma dimensão quantitativa, entre introversão e extroversão da libido, a distinção entre narcisismo primário e secundário remete a um eixo qualitativo, referindo-se ao complexo processo de subjetivação do indivíduo.

Não se pode entender a saída encontrada por Freud em manter o dualismo pulsional senão como uma alternativa provisória, que carecia de uma distinção mais consistente. O desfecho para esta questão, conforme veremos mais adiante, reside na radical reformulação da dinâmica psíquica, presente a partir do texto *Mais além do princípio de prazer* (1920). Neste trabalho, Freud

¹⁰⁹ Parafrenia: termo proposto por Freud para designar, quer a esquizofrenia (parafrenia propriamente dita), quer o grupo paranóia esquizofrenia.

¹¹⁰ FREUD, S. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. p. 90.

toma a compulsão à repetição como um movimento estreitamente articulado ao pulsional e não ao desejo inconsciente.

No seu texto *O inconsciente*, de 1915, ele diz que “um instinto nunca pode tornar-se objeto da consciência”.¹¹¹ E em seguida, enumerou e definiu as quatro características da pulsão: pressão (força), alvo (finalidade), objeto e fonte. A *pressão* constitui a própria essência da pulsão e a situa como o motor da atividade psíquica. O *alvo* é sempre a satisfação e pressupõe a eliminação da excitação que se encontra na origem da pulsão; esse processo pode comportar *alvos intermediários* ou até fracassos, ilustrados pelas pulsões – chamadas de pulsões inibidas quanto ao *alvo* – que se desviam parcialmente de sua trajetória. O *objeto* da pulsão é o meio dela atingir seu alvo e nem sempre lhe está originalmente ligado. E por último, a *fonte* das pulsões é o processo somático, não psíquico localizado numa parte do corpo ou um órgão, cuja excitação é representada no psiquismo pela pulsão.

Freud, ao formular a pluralidade do conceito de pulsão, apontando sua relação com fonte, objeto, alvo e pressão, deixou implícito na articulação desses aspectos que o campo representacional é apenas uma parte de um espectro que inclui desde o somático até o objeto. Naquele momento, a teoria freudiana ainda se encontrava em uma relação dualista. Assim, a pulsão de ego/pulsões sexuais, começou a ser percebida como insustentável, dado que a libido do ego podia tomar como objeto tanto objetos externos quanto o próprio ego, denotando também, sua natureza sexual. Neste sentido, estas duas pulsões seriam englobadas em um único tipo (uma terceira teoria pulsional), que Freud chamaria de *pulsões de vida*.

Visto que um estudo da vida pulsional a partir da direção da consciência apresenta dificuldades quase insuperáveis, a principal fonte de nossos conhecimentos continua a ser a investigação

¹¹¹ FREUD, S. **Emoções Inconscientes**. p. 202.

psicanalítica das perturbações mentais. A psicanálise, contudo, em consequência do curso tomado pelo desenvolvimento, até agora só tem sido capaz de nos proporcionar informações de natureza razoavelmente satisfatória acerca das pulsões sexuais, pois este é precisamente o único grupo que pode ser observado isoladamente, por assim dizer, nas psiconeuroses. Com a extensão da psicanálise as outras afecções neuróticas, sem dúvida encontraremos também uma base para o nosso conhecimento das pulsões do ego, embora seja temerário esperar condições de observação igualmente favoráveis nesse outro campo de pesquisa.¹¹²

Até aquele momento, o princípio que regulava o aparelho psíquico, o princípio de prazer, era o conceito básico para a compreensão dos fenômenos psíquicos; tudo era reduzido à fórmula da livre descarga de excitação e sendo, por outro lado, o acúmulo desta geradora de desprazer. Tratava-se de um princípio econômico.

É somente no artigo de 1920, *Mais além do princípio de prazer*, que Freud concebeu a última dualidade pulsional. Foi a partir de observações clínicas e da vida cotidiana que ele percebeu que as manifestações psíquicas estavam além do princípio de prazer. Percebeu ainda que, se todo processo psíquico estivesse sob o seu domínio, sempre seria acompanhado de prazer ou então conduziria a ele.

A questão levantada por Freud passou a ser: de onde provinha o desprazer observado? Por exemplo: nos sonhos traumáticos, na transferência, nos jogos infantis ou ainda na vida cotidiana. Aqui aparecem em jogo atos compulsivamente repetidos.

Ao descrever as neuroses traumáticas, destaca dois fatores básicos em sua composição: a ausência de um dano físico e o susto (*Schreck*). Para entender melhor a natureza e a importância deste último item no presente texto, é preciso contextualizá-lo a partir de outras duas modalidades de reação

¹¹² FREUD, S. *A história do movimento psicanalítico*. p. 146.

psíquica ante um perigo externo. São elas: o medo (*Furcht*) e a angústia (*Angst*).

No medo, além da percepção de um objeto ameaçador, há a representação do mesmo, como é o caso do objeto fóbico. Na angústia, embora haja a percepção do objeto de ameaça, sob a forma de uma angústia preparatória, não há sua determinação precisa, tal como ocorre no medo.

Já no caso do susto, encontram-se ausentes estes dois elementos: tanto a identificação quanto a preparação ante o objeto. Desta forma, o aparelho psíquico é invadido por uma profusão de estímulos contra os quais é incapaz de se defender. Este processo confere tal intensidade à cena traumática que sua mera lembrança é percebida pelo psiquismo como um evento atual. A investigação do fenômeno da angústia foi retomada em seu texto *Inibições, sintoma e angústia* (1926) e também articulada com o fenômeno da repetição.

Ainda no que se refere às neuroses traumáticas, esta reprodução do momento traumático é marcada por uma compulsão à repetição. Isto porque o aparato psíquico visa, com a contínua reprodução do momento do susto, criar a angústia preparatória que se encontrava ausente no momento do trauma. Porém, tal compulsão não garante qualquer indício de prazer, pelo contrário, apenas a continuidade do desprazer. Desta forma, Freud se depara com o impasse de como sustentar que tal modalidade neurótica atenda à lógica do princípio de prazer.

Em relação aos sonhos traumáticos, Freud nos diz:

Os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas possuem a característica de repetidamente trazer o paciente de volta a situação de seu acidente, numa situação da qual acorda em outro susto.¹¹³

¹¹³ FREUD, S. **Além do princípio de prazer**. p. 24.

E ainda: Não é de meu conhecimento, contudo, que pessoas que sofreram de neurose traumática estejam muito ocupadas, em suas vidas despertas, com lembranças de seu acidente.¹¹⁴

Porém, não é apenas o caso das neuroses traumáticas o exemplo clínico a problematizar a manutenção da perspectiva do além do princípio de prazer. Freud enuncia o caso da brincadeira infantil do "*Fort-Da*", (1920, p.26).

Tal brincadeira, protagonizada por seu neto Ernst, (filho de Sofie), caracterizava-se pelo contínuo ato de jogar um carretel e puxá-lo. Ernst, ao fazê-lo, pronunciava respectivamente os termos "*Fort*", (ir) e "*Da*", (ali), de acordo com a ausência da mãe. Freud, inicialmente, não percebia qualquer obtenção de satisfação em tal prática, apenas sua repetição. Porém, posteriormente, passou a enxergá-la de outro modo: tal repetição que, aparentemente não teria nada de prazeroso, seria uma forma da criança passar de uma posição passiva para uma posição ativa. Agora era a criança que mandava a mãe embora, vingava-se dela pelo seu afastamento, conforme as palavras de Santos:

Sem dúvida, o jogo do Fort-Da é o mais complexo dos fenômenos analisados por Freud (os outros dois são o sonho e a repetição transferencial). Apesar de ser a repetição de uma situação dolorosa - a partida da mãe - ele é acompanhado de prazer. Assim, por um lado ele contradiz e, por outro, afirma o princípio do prazer. O prazer encontra-se na própria atividade de representação, ainda que o representado em si mesmo seja doloroso.¹¹⁵

Portanto, este jogo representa uma experiência de repetição que, embora reproduzisse uma situação angustiante, é capaz de dominar o estímulo desprazeroso, sendo assim uma repetição da ordem do princípio de prazer.

Ao abordar a questão da transferência, percebe-se como a dinâmica da repetição permeia todo seu funcionamento, tanto no que tange à aliança

¹¹⁴ FREUD, S. *Além do princípio de prazer*. p. 24.

¹¹⁵ SANTOS, L. G. *O Conceito de repetição em Freud*. p. 97.

terapêutica com o analista, a serviço da associação, quanto no que tange a possíveis sentimentos eróticos ou hostis, a serviço da resistência. A questão da repetição configura-se como um elemento intrínseco ao funcionamento psíquico. A forma de interagir do indivíduo é sob a forma de uma repetição. Assim, tal padrão não poderia deixar de aparecer no *setting* analítico, sendo a figura do analista seu principal alvo.

No texto *A dinâmica da transferência* (1912), Freud pensa o sujeito em sua relação com o mundo, marcado por determinados clichês estereotípicos, repetidos em diferentes momentos de sua vida, com diferentes pessoas. A figura do analista, que não foge a tais padrões, também está incluída nestas séries psíquicas que compõem a vida psíquica do indivíduo. Esta projeção das fantasias inconscientes pode tanto auxiliar como dificultar o processo de análise. Isso porque, ao mesmo tempo em que revela o desejo inconsciente, tal projeção desloca o analista de sua função original e este pode vir a ser odiado ou amado.

No que diz respeito à transferência, Oscar Masotta nos fala:

Não há psicanálise sem transferência, e a transferência – disse um dia Freud - é o lugar onde se ata o que deve ser desatado, ou seja, o amor de transferência. Mas este amor – nos adverte o criador da psicanálise – não é um simulacro, é um amor real.¹¹⁶

Desta forma, o analista torna-se alvo de uma variedade de sentimentos, tanto amorosos quanto hostis. Freud procura, ao longo de sua obra, entender esta dupla face do processo de transferência, dividindo-a da seguinte forma: ao nível do inconsciente e ao da consciência. Declara que toda e qualquer admiração ou simpatia entre as pessoas, presentes na esfera da consciência, pode, em um nível inconsciente remontar a desejos sexuais recalçados:

¹¹⁶ MASOTTA, Oscar. **Dualidade psíquica o modelo pulsional**. p.96.

E somos assim levados à descoberta de que todas as relações emocionais de simpatia, amizade, confiança e similares das quais podemos tirar bom proveito em nossas vidas, acham-se geneticamente vinculadas à sexualidade e se desenvolvem a partir de desejos puramente sexuais, através da suavização de seu objeto sexual, por mais puros e não sensuais que possam parecer à autopercepção consciente (..) a psicanálise demonstra-nos que pessoas que em nossa vida real são simplesmente admiradas ou respeitadas podem ainda ser objetos sexuais para nosso inconsciente¹¹⁷.

A estratégia clínica pensada por Freud ante a transferência, enquanto resistência, é a busca pela enunciação destes sentimentos eróticos ou hostis, por natureza inconsciente, de modo que se descolem da figura do analista. Com isso, ao desligar de sua figura tais categorias de sentimentos transferenciais, restam apenas ao analisando os sentimentos afetuosos, ligados à consciência e ao desejo de associação, portanto fundamentais para o trabalho analítico. Assim, a enunciação dos sentimentos inconscientes é a forma encontrada por Freud para minimizar os efeitos da resistência. A transferência traz consigo um paradoxo: é, ao mesmo tempo, motor e obstáculo ao trabalho analítico.

Também se observou que o paciente não consegue recordar o que foi recalcado, pois se vê:

Obrigado a repetir o material recalcado como se fosse uma experiência contemporânea, em vez de, como o médico preferiria ver recordá-lo como algo pertencente ao passado. Essas reproduções, que surgem com tal exatidão indesejada, sempre têm como tema alguma parte da vida sexual infantil, isto é, do complexo de Édipo, e de seus derivados, e são invariavelmente atuadas na esfera da transferência, da relação do paciente com o médico. Quando as coisas atingem essa etapa, pode-se dizer que a neurose primitiva foi então substituída por outra nova, pela 'neurose de transferência'.¹¹⁸

¹¹⁷ FREUD, S. **A dinâmica da transferência**. p. 116-117.

¹¹⁸ FREUD, S. **Além do princípio de prazer**, p. 31-32.

Freud nos diz ainda que:

É claro que a maior parte do que é reexperimentado sob a compulsão à repetição, deve causar desprazer ao ego, pois traz à luz as atividades das pulsões recalçadas. Isso, no entanto, constitui desprazer de uma espécie que já consideramos e que não contradiz o princípio de prazer: desprazer para um sistema e, simultaneamente, satisfação para outro. Contudo, chegamos agora a um fato novo digno de nota, a saber, que a compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos instituais que desde então foram reprimidos.¹¹⁹

Em *Mais além do princípio de prazer* (1920), Freud faz a sua conceituação final do conflito pulsional, enfatizando o caráter conservador da pulsão: *parece, então, que uma pulsão é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas.*¹²⁰ Este seria o caráter geral das pulsões e talvez de toda a vida orgânica, não reconhecidos claramente até o momento. Neste sentido, Monzani nos esclarece que: “Trata-se de um momento no qual, ao que tudo indica, Freud *patina* num problema. Mas, por outro lado, esse mesmo movimento conduz a um *arranque* do texto”.¹²¹ Uma pulsão seria, pois, uma tendência própria do organismo vivo à reconstrução de um estado anterior. Freud parte dessas premissas observadas diretamente da clínica para todo seu desenvolvimento.

Para Freud, a compulsão de repetição é um processo de origem inconsciente no qual o sujeito repete experiências desagradáveis, sem se dar conta delas, e tendo a impressão de que aquilo é atual.

Da compulsão de repetição apareceu uma nova pulsão, que Freud definiu como o principal representante do outro pólo do conflito pulsional: as

¹¹⁹ FREUD, S. *Além do princípio de prazer*, p. 33-34.

¹²⁰ FREUD, S. *Além do princípio de prazer*, p. 53-54.

¹²¹ MONZANI. Luiz Roberto. *Freud O movimento de um pensamento*. p. 154.

pulsões de morte. Por outro lado, as pulsões do ego e as pulsões sexuais passaram a fazer parte do conjunto das pulsões de vida.

3.1 Repetição e a pulsão de morte

A questão da repetição foi abordada por Freud nos artigos *A dinâmica da transferência* (1912), *Recordar repetir e elaborar* (1914) e finalmente, em *Além do princípio de prazer* (1920). A partir de 1920, a repetição serviu de fundamento para a explicação da pulsão de morte.

Freud se refere a essa repetição como a própria natureza das pulsões. Considera que existe um domínio onde o princípio de prazer não consegue explicar, tal como um resíduo que persiste e deve ser explicado e que é suficiente, segundo Freud, para que estejamos frente a um:

Inexplicado o bastante para justificar a hipótese de uma compulsão à repetição, algo que parece mais primitivo, mais elementar e mais pulsional que o princípio de prazer que ela domina. Mas, se uma compulsão à repetição opera realmente na mente, ficaríamos satisfeitos em conhecer algo sobre ela, aprender a que função corresponde, sob que condições podem surgir e qual é sua relação com o princípio de prazer, ao qual, afinal de contas, até agora atribuímos dominância sobre o curso dos processos de excitação na vida mental.¹²²

A repetição se torna a característica própria da pulsão. Assim como a compulsão de repetição está para a pulsão de morte, a repetição está para a pulsão de vida.

A primeira pulsão nasce como tentativa de um retorno ao estado inanimado, a um nível de tensão zero, tendendo desta maneira, repetir indefinidamente o movimento com a menor modificação possível. Já a

¹²² FREUD, S. *Além do princípio de prazer*. p. 37.

repetição, ligada às pulsões de vida, tenta repetir o que já está criado a partir do primeiro movimento na matéria inanimada, procurando estender este movimento a estruturas cada vez maiores, conseguindo desta maneira perturbar o retorno a zero. Este movimento pulsional é descrito por Freud da seguinte maneira:

Em uma época indeterminada foram despertadas na matéria inanimada, pela atuação de forças inimagináveis, as qualidades do vivente. Talvez tenha sido este processo que serviu de modelo àquele outro que depois fez surgir a consciência em determinado estado da matéria animada. A tensão, então, gerada na antes inanimada matéria, tentou-se revelar, aparecendo assim a primeira pulsão: a de voltar ao inanimado (...) estes rodeios para a morte, fielmente consentidos pelas pulsões conservadoras, constituiriam hoje o quadro dos fenômenos vitais.¹²³

Há um movimento independente, autônomo, que vence o meio externo, levando a uma redução para além do que seria o equilíbrio com o externo. A pulsão de morte, por si, é uma força irreprimível, independente do princípio de prazer.

As mudanças conceituais promovidas em 1920 também repercutiram clinicamente. Para Knoblock¹²⁴, o dispositivo da interpretação deixa de ser um método de deciframento que busca um significado oculto para tornar-se uma forma de representação de algo que ainda não fora capaz de portar inscrição no psiquismo. Enquanto a idéia de um sintoma relaciona-se com a lógica da representação, a pulsão de morte fala de algo que é pura insistência, pura pressão ao aparelho psíquico. O psiquismo é obrigado a transformar-se de modo a dar conta daquilo que não possui representação, que é da ordem do não ligado, fora da linguagem.

¹²³ FREUD, S. **Além do princípio do prazer**. p. 56.

¹²⁴ Cf. KNOBLOCK, F. **O tempo do traumático**. p. 39.

A este respeito, Prata¹²⁵ ressalta que a presença de uma compulsão à repetição aponta, sobretudo, para uma escuta do silêncio, isto é, daquilo que comparece apenas como pressão, estreitamente articulado ao pulsional e não ao campo da linguagem.

A compulsão à repetição aponta, contudo, para uma atividade pulsional originária, anterior à existência do aparato psíquico. Foi a ligação do pulsional que fundou o psiquismo. Talvez a dificuldade encontrada por Freud em descrever o processo do recalçamento primordial aponte, desde esta época, para uma suspeita de um movimento anterior ao psiquismo, mas que não deixa de exercer seus efeitos sobre o aparelho. É possível conceber o próprio aparelho psíquico como resultado da ligação da ação pulsional, a ação da pulsão de vida sobre a pulsão de morte.

A própria noção de pulsão não deixa de sofrer transformações com a criação da hipótese da pulsão de morte, conforme colocado por Bastos:

A pulsão - nesta postulação - não é mais um fator que pressiona rumo a um desenvolvimento, mas justamente o seu oposto: um esforço de reprodução da inércia. A meta de todo ser vivo passa, dentro da nova teoria, a ser a morte e, o desenvolvimento, uma consequência dos fatores externos, perturbadores e desviantes.¹²⁶

Desta forma, se a exigência pulsional, até 1920, se referia à ascensão de conteúdos inconscientes à esfera da consciência, passou a relacionar-se à manutenção de um mesmo estado de coisas. Sua essência passou a ser, sobretudo, conservadora, o que não quer dizer que a pulsão de morte não porte em si uma noção de movimento. A atividade da compulsão à repetição nos demonstra este caráter ativo do pulsional, porém, sua energia busca, antes de tudo, a manutenção de um estado anterior, cuja ação das pulsões de vida

¹²⁵ Cf. PRATA, M. R. **Repetição e pulsão de morte em Freud**. p. 67.

¹²⁶ BASTOS, L. **Eu-corpando: o ego e o corpo em Freud**, 1998, p. 121.

impediu. Portanto, mais do que um caráter conservador, pode-se atribuir à atividade pulsional um caráter restaurador, no caso a um estado de não vida, ou, assim denominado por Freud, de retorno ao inanimado.

Freud descreveu um conceito fundamental para compreensão do aparelho psíquico regido pelo princípio de prazer, que é o conceito de ligação (*Bindung*), ou seja, só se concebe um princípio a partir do surgimento de uma ordem. Esta ordem se dá com a ligação que é uma operação de limite sobre o livre escoamento das excitações. Uma operação que tende a ligar as representações, mantendo formas com alguma estabilidade. Num momento mítico, haveria o livre escoamento de excitações, e, num segundo momento, ocorreriam as primeiras ligações promotoras de uma *ordem* ou, de outra forma, a organização desta dispersão de excitações num princípio. Com este evento está concebido o aparelho psíquico funcionando no sentido de vincular as quantidades de excitação às representações, promovendo a descarga destas excitações, porém de forma limitada.

Neste sentido, este conceito de ligação seria o modelo do funcionamento das pulsões de vida. Garcia-Roza, em *Acaso e Repetição*, diz:

O que há inicialmente é uma superfície corporal sobre a qual o diferencial prazer-desprazer se fará com absoluta independência de qualquer princípio organizador. Assim, não é o princípio de prazer que funda o prazer, mas, ao contrário, é o prazer que se erigirá em princípio. A passagem do prazer entendido como processo psicológico para o prazer entendido como princípio se daria em função da ligação (*Bindung*), isto é, por uma contenção ao livre escoamento das excitações, transformando o estado de pura dispersão em estado de integração (transformação de energia livre em energia ligada). Esse estado de pura dispersão das excitações, anterior à instauração do princípio de prazer e de seu complementar, o princípio de realidade, é evidentemente um estado hipotético e que só pode ser pensado recorrentemente. É a partir do aparelho psíquico já constituído que Freud pensa esse estágio inicial anárquico. Tal como na física, onde a concepção de um estado caótico de pura dispersão de energia só pode ser feito recorrentemente a partir de um sistema já estruturado, também em psicanálise esse momento inicial é uma ficção teórica,

não tendo como referente um momento real da gênese do aparelho psíquico.¹²⁷

A repetição refere-se às pulsões de vida porque nesta repetição está acoplado o princípio de prazer. É uma repetição onde os componentes psíquicos estão em estado ligado, formando unidades cada vez maiores, ou seja, é um movimento de criar complexidades. Nas palavras de Freud:

...Eros, por ocasionar uma combinação de conseqüências cada vez mais amplas das partículas em que a substância viva se acha dispersa, visa a complicar a vida e, ao mesmo tempo, naturalmente, a preservá-la. Agindo dessa maneira, ambos os instintos seriam conservadores no sentido mais estrito da palavra, visto que ambos estariam se esforçando para restabelecer um estado de coisas que foi perturbado pelo surgimento da vida. O surgimento da vida seria, então, a causa da continuação da vida e também, ao mesmo tempo, do esforço no sentido da morte. E a própria vida seria um conflito e uma conciliação entre essas duas tendências.¹²⁸

A pulsão de morte, por sua vez, é uma força irreprimível, uma *força demoníaca*, independente do princípio de prazer. A esse respeito Monzani salienta:

A Bindung é algo que antecede, algo mais primitivo que o princípio do prazer, mas, como o próprio Freud indica, ela não o contradiz e mais que isso, trabalha a seu favor. Assim, num certo sentido, tudo está por resolver. E a operação central que nos levará ainda mais além não está na consideração da Bindung, mas na sua falha, isto é, quando essa operação fracassa em seus propósitos, pois é nesse vazio da Bindung, nessa fresta, que aparece a compulsão à repetição.¹²⁹

Assim como ela, a compulsão de repetição, que é a sua principal manifestação, escapa do princípio de prazer. Sob a ação da pulsão de morte, o sujeito se vê repetindo situações que em momento algum foram vividas com prazer. Safouan nos esclarece que:

¹²⁷ Garcia-Roza, Luis Alfredo. **Acaso e Repetição: uma Introdução à teoria das pulsões**. p. 47.

¹²⁸ FREUD, S. **As duas classes de instintos**. p. 55-56.

¹²⁹ MONZANI. Luiz Roberto. **Freud, O movimento de um pensamento**. p. 181.

A própria condição humana que será por Freud revisada e desnudada até a denúncia de seu procedimento mais íntimo: a verdade do prazer é que ele é prazer de privação, é prazer do desprazer, da ausência da coisa. Repetir sempre o eterno fracasso do encontro, reconsumar a falta, eis o verdadeiro princípio do prazer ao qual o homem está fadado.¹³⁰

A compulsão de repetição insiste na repetição destas vivências, cuja representação está ligada a outros conteúdos psíquicos. Isto ocorre, por um lado, no sentido de propiciar ligações e, por outro, sendo a característica essencial da pulsão de morte o retorno ao estado anterior das coisas. Uma repetição com produção de desprazer, levaria à diminuição da potência criativa do sujeito até sua extinção.

Em oposição à função da pulsão de morte está a função de Eros. Segundo Freud, a cultura seria um *processo posto a serviço de Eros, destinado a condensar em uma unidade vasta, na humanidade, os indivíduos isolados, depois as famílias, as tribos os povos e as nações.*¹³¹

O que Eros efetua é a promoção de grandes complexidades já existentes, sem que haja, porém, uma demarcação de diferenças entre os componentes. Já a pulsão de morte atua no sentido de não propiciar complexidades e, sim, de desfazer as complexidades já existentes. Logo, o caráter criador da pulsão de morte reside no oposto do que Eros efetua. Eros massifica, não deixando transparecer diferenças entre os elementos em questão. A pulsão de morte promove estas diferenças e produz um corte sobre organizações e sistemas já estabelecidos, possibilitando, com isso, o aparecimento do novo, da criação.

As pulsões de vida e pulsões de morte, em sua quase totalidade, agem sempre em conexão umas com as outras. Para Freud, apenas tal junção pode

¹³⁰ SAFOUAN, Moustapha . **O fracasso do princípio de prazer**. p. 11.

¹³¹ FREUD, S. **O mal estar na Civilização**. p. 145.

promover a vida. Qualquer predominância, seja da pulsão de morte ou da pulsão de vida, pode rumar para um caminho mortífero. Se a pulsão de vida, com seu caráter complexo, toma a dianteira, não haverá limites para tal crescimento, o que é danoso. Já a pulsão de morte atuaria cortando o crescimento desordenado e estabelecendo limites. Da mesma forma, se a pulsão de morte predominar haverá um rumo mortífero, ocasionando assim a redução quase que total de complexos. Freud, em seu texto, *O ego e o Id*, coloca:

A cada um destes dois tipos de pulsões estaria subordinado um processo fisiológico especial de anabolismo e catabolismo, e, em cada fragmento de substância viva, atuariam, se bem que em proporção distinta, pulsões das duas classes, devendo assim existir uma substância que constituiria a representação principal de Eros. Portanto, a gênese da vida seria a causa tanto da continuação da vida como tendência à morte. Por sua vez, seria um combate e uma transação entre ambas as tendências.¹³²

A mesclagem, como também a desmesclagem, se realiza de modo regular. Freud nos mostra ainda, no mesmo texto de 1923, *O ego e o Id*, que seria possível neutralizar:

A hipótese não lança qualquer luz sobre a maneira pela qual as duas classes de pulsões se fundem, mistura e ligam uma com a outra, mas que isso se realiza de modo regular e de modo muito extensivo, constitui pressuposição indispensável à nossa concepção. Parece que, em resultado da combinação de organismos unicelulares em formas multicelulares de vida, a pulsão de morte da célula isolada pode ser neutralizada com sucesso e os impulsos destrutivos desviados para o mundo externo, mediante o auxílio de um órgão especial. Esse órgão especial pareceria ser o aparelho muscular; e a pulsão de morte pareceria, então expressar-se - ainda que, provavelmente, apenas em parte - como uma pulsão de destruição dirigindo contra o mundo externo e outros organismos... No componente sádico da pulsão sexual teríamos um exemplo clássico de uma mescla adequada de pulsões.¹³³

¹³² FREUD, S. *O ego e o Id*. p. 56.

¹³³ FREUD, S. *O ego e o Id*. p. 56.

Freud continua teorizando a respeito da mesclagem entre os dois tipos de pulsões em seu artigo *O mal estar na Civilização* (1930), mostrando:

... que os dois tipos de pulsão raramente, ou talvez nunca, apareçam em mútuo isolamento, mas se mesclam entre si, em proporções distintas e muito variáveis, tornando-se de tais modos irreconhecíveis para nós. No sadismo, admitimos desde há muito tempo como pulsão parcial da sexualidade, encontraríamos uma mesclagem particularmente sólida entre impulso amoroso e a pulsão de destruição; o mesmo acontece com o similar antagônico, o masoquismo, que representa uma mescla entre a destruição dirigida para dentro e a sexualidade, através da qual aquela tendência destrutiva, de outro modo inapreciável, se torna notável ou perceptível.¹³⁴

O sadismo e o masoquismo seriam os exemplos mais utilizados por Freud para exemplificar o funcionamento da mesclagem pulsional.

Freud, em seu texto *O problema econômico do masoquismo* (1924), problematiza a questão do desprazer, deixando de pensá-la sob um viés puramente econômico; isto porque vê, na experiência de excitação sexual, um aumento de tensão que não está obrigatoriamente associado ao desprazer, desde que, em sua perspectiva final, haja a possibilidade de descarga. Desta forma, a questão da excitação sexual deixa de se referir a um prisma meramente quantitativo, onde o aumento de excitação está diretamente articulado ao desprazer, para ser focado por um prisma qualitativo, conforme colocado por Freud:

O prazer e o desprazer, portanto, não podem ser referidos a um aumento ou diminuição de uma quantidade (que descrevemos como 'tensão devida a estímulo'), embora obviamente muito tenham a ver com esse fator. Parece que eles dependem, não desse fator quantitativo, mas de alguma característica dele que só podemos descrever como qualitativa.¹³⁵

¹³⁴ FREUD, S. *O mal estar na Civilização*. p.141-142.

¹³⁵ FREUD, S. *O problema Econômico do Masoquismo*. p. 200.

Freud pensa o masoquismo como primário, isto é, uma agressividade inicialmente voltada para o próprio sujeito, e apenas num segundo momento, direcionada ao mundo objetal. Eis, então, a origem do sadismo, derivado de um masoquismo primordial.

Desta forma, Freud contrapõe o masoquismo ao sadismo a partir da relação entre as pulsões de vida e de morte, ou seja, aponta a iniciativa de Eros em inibir o movimento de morte.

Freud, no início de sua conceituação, antes de 1920, propôs um sadismo original. Depois, no artigo *Mais Além do Princípio de Prazer*, menciona a possibilidade de haver um masoquismo original, antes do sadismo. Com isso ele nos diz que o sujeito, num primeiro momento, está com toda a carga da pulsão de morte dentro de si e a libido, para neutralizá-la, flexiona-a para o mundo externo. Esta teorização da pulsão de morte é o que Freud vai chamar de sadismo, porém nunca é a totalidade que será transposta para o exterior. O *quantum* restante, masoquismo originário, fica neutralizado pela libido. Em *O problema econômico do masoquismo* (1924), Freud formula que a libido tem a tarefa de:

A libido tem a missão de tornar inócua a pulsão destruidora e a realiza desviando essa pulsão, em grande parte, para fora – e em breve com o auxílio de um sistema orgânico espacial, o aparelho muscular – no sentido de objetos do mundo externo. A pulsão é então chamada de pulsão destrutiva, pulsão de domínio ou vontade de poder. Uma parte da pulsão é colocada diretamente a serviço da função sexual, onde tem o papel importante a desempenhar. Esse é o sadismo propriamente dito. Outra porção não compartilha essa transformação para fora; permanece dentro do organismo e, com o auxílio da excitação sexual antes mencionada, lá fica libidinalmente presa. É nessa porção que temos de identificar o masoquismo original, exógeno¹³⁶.

¹³⁶ FREUD, S. **O problema Econômico do Masoquismo**. p. 204.

Freud continua, em *O mal estar na civilização* (1927) *De tal maneira a pulsão de morte seria posta a serviço de Eros, pois o ser vivo destruiria algo exterior, animado ou inanimado, em vez de destruir-se a si mesmo.*¹³⁷ Em toda sua obra, defende a idéia de haver um dualismo pulsional, fundamental para toda a movimentação do aparelho psíquico e da vida do sujeito. Seria, portanto, um engodo atribuir valores qualitativos às pulsões, no sentido de que uma seria *boa* e, a outra, *ruim*. Isto pelo simples fato de que ambas são responsáveis pela manutenção da vida.

Freud insiste sempre em colocar que a pulsão de vida é bastante ruidosa, extravagante, e a pulsão de morte, ao contrário, silenciosa. Age imperceptivelmente e nunca é captada pura, fora da mesclagem com a pulsão de vida. A pulsão de morte é inerente ao homem: é uma luta obstinada, contínua e inexorável que o leva a procurar paz e repouso, não importa por qual meio, sob qualquer forma, e não simplesmente uma força que visaria transformar o animado em inanimado.

Assim é que o aparelho psíquico mostra-se como fenômeno e acontece como processo, nele toda a vida é feita de mortes. No entanto, o retorno ao inorgânico, postulado no vetor da pulsão de morte, remanesce como ponte lançada sobre o abismo do impossível, sem jamais lograr repouso na outra margem. Dada a organização, insiste e resiste como reorganização. Se há luta, pode-se dizer que há vida se há magnitude, pode-se dizer que a vida contém a morte, é maior do que ela, pulsa, também no sentido dela, estabelece com ela a maior das contradições, serve-se dela para ser o que é. O movimento vital acontece em elevações e declínios, cada declínio, necessariamente à vida, é a morte que há, por isso consagrado em pulsão, a qual ao entrever nostalgicamente a sombra da morte, só faz acender os candelabros da vida. Nas palavras de Freud:

¹³⁷ FREUD, S. *O mal estar na Civilização*. p. 141.

Essa pulsão agressiva é o derivado e o principal representante da pulsão de morte, que descobrimos lado a lado de Eros e que com este divide o domínio do mundo. Agora, penso eu, o significado da evolução da civilização não mais nos é obscuro. Ele deve representar a luta entre Eros e a Morte, entre a pulsão de vida e a pulsão de destruição, tal como ela se elabora na espécie humana. Nessa luta consiste essencialmente toda a vida, e, portanto, a evolução da civilização pode ser simplesmente descrita como a luta da espécie humana pela vida. E é essa batalha de gigantes que nossas babás tentam apaziguar com sua cantiga de ninar sobre o Céu.¹³⁸

É nisso que a pulsão de morte, destruindo as falsas ilusões, impelindo não a reproduzir, mas a repetir, o que requer sempre algo de novo, efetiva a emergência do desejo. Paradoxalmente, pode-se concluir que é a pulsão de morte que leva o sujeito a fazer o percurso da vida.

¹³⁸ FREUD, S. **O mal estar na Civilização**. p. 145.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não, nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar”

Freud

Ao partirmos da hipótese de que a psicanálise, juntamente com outras teorizações desenvolvidas no século XX, leva-nos a desconfiar da noção cartesiana de uma consciência objetivável, nos propomos a entender a razão pela qual o homem não tem inteiro domínio de sua racionalidade. Para isso, se fez necessário explorar a construção da doutrina psicanalítica, a fim de estabelecer de que modo Freud chega à noção de pulsão como elemento fundante do Inconsciente, pois nosso objetivo foi apresentar como se deu à passagem, no viés filosófico, de uma concepção epistemológica “cartesiana” de sujeito para uma concepção em que a subjetividade prevalece sobre o humano agora sobre o viés psicanalítico.

Com este intuito, exploramos as convicções de Freud acerca da psicanálise, notadamente suas implicações dentro de uma visão *monista* e o que esta trouxe para o entendimento da relação entre a mente e o corpo, como também a idéia de determinismo psíquico e suas inscrições pulsionais. Repassamos ainda a origem epistemológica da teoria freudiana e os modelos históricos de que se serviu Freud para a constituição de um *saber* ou de uma *ciência*: modelos que o levaram a conceber a psicanálise como uma *ciência da natureza*, e assim, estabelecer uma metapsicologia e o que pode ser chamado de identidade da psicanálise.

Independentemente do fato de a psicanálise ser aceita ou não como um *saber* que possa ser colocado junto com os ditos “saberes científicos”, é impossível não aceitar que se constitui como um marco do pensamento ocidental no século passado. A principal razão para constituir-se como tal é que Freud, com a metapsicologia, desafiou os discursos dominantes de sua época. A ousadia freudiana está em perceber os sinais de sua época e trabalhá-los por meios que entendia científicos, numa perspectiva original – do que resultou uma produção teórica *sui generis*.

Desta produção, podemos destacar a idéia de Inconsciente, que, notadamente, está incorporada no discurso atual como uma importante categoria para o exercício de apresentação das notas de compreensão das características do humano. A investigação psicanalítica, ao descobrir e explorar o inconsciente, desfez também as ilusões de que bastaria fundamentar-se corretamente as ciências para alça-las ao papel de orientação da ação humana. Para Freud, o desafio enfrentado pelo projeto de implantação da *Weltanschauung* científica é superar as resistências psíquicas que surgem cada vez que as ciências impõem ao homem novas feridas narcísicas e lutar contra as tendências conservadoras pulsionais que ganham expressão nas organizações sociais.

Em Freud sabemos que a pulsão, conceito fundamental da psicanálise, tem por principal característica a tendência à conservação, vai neste sentido a afirmação freudiana de que fazer ciência é pensar além do princípio de prazer.

Como vimos ao longo do trabalho, Freud foi levado a estabelecer a pulsão como condição de possibilidade do Inconsciente. Sendo assim, somos induzidos a entender que é sobre a noção de Inconsciente que pesa a maior parte do legado freudiano. A decorrência dessa noção sob a nossa concepção de homem é tão forte que:

O próprio Freud apontou a psicanálise como a terceira grande ferida narcísica sofrida pelo saber ocidental ao produzir um decentramento da razão e da consciência (as outras duas feridas foram as produzidas por Copérnico e por Darwin). Sem dúvida alguma, a psicanálise produziu uma derrubada da razão e da consciência do lugar sagrado em que se encontravam. Ao fazer da consciência um mero efeito de superfície do Inconsciente, Freud operou uma inversão do cartesianismo que dificilmente pode ser negada¹³⁹.

Para chegar a ser uma “terceira grande ferida narcísica”, a psicanálise freudiana sofreu constantes mutações. No princípio, Freud buscou estabelecer as bases da relação entre neurologia e psicologia. Para isso, buscou nas estruturas explicativas da ciência de sua época, utilizando-se de analogias com a física e a química. Deste processo, Freud percebe que é preciso ir além da psicologia, criando um procedimento que alcance “as profundezas da alma”. Um esboço dessa “profundeza” é apresentado no que Freud denominou de metapsicologia.

A metapsicologia “trouxe” à luz um aparelho psíquico estruturado a partir de elementos existentes em uma dimensão psíquica nunca antes explorada. Freud apresenta notas acerca das características espaciais desta dimensão, que está povoada por sistemas psíquicos com características e funções distintas entre si; tais sistemas se relacionam de forma dinâmica por meio do fluxo conflituoso de forças; este fluxo se define por uma economia que busca obter prazer e evitar o desprazer.

Essa concepção de psiquismo é, à época de Freud, uma subversão. Com ela, passamos a um novo estágio do entendimento acerca do humano. Isso se dá porque, ao trilhar este caminho – que culmina com a metapsicologia –, Freud nos mostrou que não podemos conceber a idéia de sujeito apenas com as categorias “cartesianas” que nos levam a ter a consciência como o lugar da verdade. Com a psicanálise, principalmente a

¹³⁹ GARCIA-ROSA, L. A. **Freud e o inconsciente**. p. 20.

partir da idéia de Inconsciente, percebemos a subjetividade como um elemento importante para uma explicação coerente e produtiva da psique humana, pois o homem, a partir da lógica pulsional que estrutura o Inconsciente, não tem inteiro domínio de sua racionalidade, do desejo que o anima.

REFERÊNCIAS

ANDESSON, O. **Freud precursos de Freud**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

ASSOUN, P. **Introdução à epistemologia freudiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1083.

BASTOS, L. **Eu-corpando: o ego e o corpo em Freud**. São Paulo, Editora Escuta, 1998.

BIRMAN, J. **Ensaio de teoria psicanalítica, 1. parte: metapsicologia, pulsão, linguagem, inconsciente e sexualidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.

BLEICHER, Josef. **Hermenêutica contemporânea**. Lisboa: Ed. 70, 1992.

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de Psicanálise Larousse**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969-1977. 24 v.

_____. **O problema Econômico do Masoquismo**. v XIX.

_____. **O ego e o Id**. v.XIX.

_____. **A história do movimento psicanalítico**. v XIV.

_____. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise**. v XXII.

_____. **A natureza do psíquico**. v XXIII.

_____. **A questão da Análise leiga**. v XX.

_____. **A interpretação dos Sonhos**. v IV-V.

_____. **Um estudo autobiográfico**. v XX.

_____. **Construções em Análise**. v XXII.

- _____. **Conferência XXX.** v XXII.
- _____. **Conferência XXVII. Transferência.** v XVI.
- _____. **Estudos sobre a histeria.** v II.
- _____. **Projeto para uma psicologia científica.** v I.
- _____. **A etiologia da Histeria.** v III.
- _____. **Sobre o mecanismo psíquico dos Fenômenos Históricos.** v III.
- _____. **Qualidades psíquicas.** v XXII.
- _____. **Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos históricos.** v XXII.
- _____. **A psicanálise e o determinismo dos fatos nos processos jurídicos.** v IX.
- _____. **Cinco lições de psicanálise.** v XI.
- _____. **Sobre o Narcisismo.** v XIV.
- _____. **O aparelho psíquico e o mundo externo.** v XXII.
- _____. **Linhas de progresso na terapia analítica.** v XXII.
- _____. **Além do princípio de prazer.** v XVII.
- _____. **Análise terminável e interminável.** v XXII.
- _____. **IV Topologia e dinâmica do inconsciente.**
- _____. **Vários Significados de o Inconsciente: O ponto de vista topográfico.** v XIV.
- _____. **A interpretação de sonhos: parte II.** v V.
- _____. **Um caso de Histeria e três ensaios sobre a sexualidade.** v VII.
- _____. **A sexualidade infantil.** v VII.

_____. **Projeto para uma psicologia Científica.** v I.

_____. **Conferência XXVI: A Teoria da Libido e o Narcisismo.** v XVI.

_____. **As duas classes de instintos.** v XIX.

_____. **Emoções Inconscientes.** v XIV.

_____. **O mal estar na Civilização.** v XXI.

_____. **A dinâmica da transferência.** v XII.

HANNS, L. **A teoria pulsional.** Rio de Janeiro: Imago, 1999.

KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

KNOBLOCK, F. **O tempo do traumático.** São Paulo, Educ/Fapesp, 1988.

LAPLANCHE e PONTALIS. **Vocabulário da psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MASOTTA, Oscar. **Dualidade psíquica: o modelo pulsional.** Campinas: Papyrus, 1986.

MONZANI. Luiz Roberto. **Freud: O movimento de um pensamento.** Campinas: UNICAMP, 1989.

PRATA, M. R. **Repetição e pulsão de morte em Freud.** in: Trabalho de dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ/IP, 1992.

ROZA, L. A Garcia. **Introdução à metapsicologia freudiana.** Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

_____. **Acaso e repetição em psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SAFOUAN, Moustapha. **O fracasso do princípio de prazer.** Campinas: Papyrus, 1987.

SANTOS, L. G. **O Conceito de repetição em Freud.** Belo Horizonte: Escuta/Fumec, 2002.

APÊNDICE

CRONOLOGIA DA VIDA DE SIGMUND FREUD



CRONOLOGIA DAS OBRAS DE SIGMUND FREUD

PSICOLOGIA DO SUJEITO		<i>PSICOLOGIA SOCIAL</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos • Estudos sobre a histeria • Primeiras publicações psicanalíticas • A interpretação de sonhos • A psicopatologia da vida cotidiana • Um caso de histeria e três ensaios sobre a sexualidade • Os chistes e sua relação com o inconsciente • Delírios e sonhos na “Gradiva” de Jensen • Duas histórias clínicas (O pequeno Hans e o Homem dos ratos) • Cinco lições de psicanálise • O caso de Schreber e artigos sobre técnica 	<p>Totem e tabu e outros trabalhos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A história do movimento psicanalítico • Conferências introdutórias sobre psicanálise • Uma neurose infantil • Além do princípio do prazer • O ego e o ID • Um estudo autobiográfico • O futuro de uma ilusão • Novas conferências introdutórias sobre psicanálise • Moises e o monoteísmo
1886 a 1913	1913 a 1914	1915 a 1939